



pela memória querida de



marcelo zelic

12.NOV.63

08.MAI.23











No Memorial de Direitos Humanos, antigo DOPS em Belo Horizonte.





Reunião na Funai sobre os isolados da Ilha do Bananal



No Acampamento Terra Livre, em Brasília, abril de 2023.



08 de maio de 2023

oi, pessoal. aqui é a helena, filha do marcelo zelic. minha família me pediu para escrever para vocês com as notícias.

tentamos tudo, ele também tentou muito, resistiu daquele jeito que todos já conhecemos, mas não conseguimos. papai se encantou hoje, dia 8 de maio, no começo da tarde. passamos os últimos dias o abraçando, lembrando as melhores e mais engraçadas histórias, dando coragem e conforto para ele. ainda estamos organizando os trâmites para a despedida, que será na quarta-feira, aqui em são paulo. estivemos torcendo por ele com toda nossa força nos últimos dias.

agora é hora de seguirmos pensando nele, e não só lembrando as histórias, mas também assumindo o compromisso de sermos mais como ele: justos, generosos, teimosos, rebeldes, carinhosos, comprometidos com a luta dos povos.

é hora de mantermos a memória dele viva, assim como ele, com o armazém memória, mantinha viva uma parte muito importante da memória do brasil.


ele trabalhou de domingo a domingo para colocar no ar centenas de milhares de documentos que pertencem à história dos nossos povos. achou arquivos que ninguém antes tinha visto, e com isso fez transformações importantes na nossa democracia. lutou e enfiou muitos dedos na ferida para que se fizesse justiça, reparação e não-repetição. se rodeou de muita gente, entre indígenas e não-indígenas, todos lutadores. fez amigos em todo o brasil.

mexia com coisa séria sempre com um sorriso no rosto, uma piada besta prontinha na ponta da língua. cuidava de todos nós que estávamos por perto, sempre disposto a dar uma carona ou a tomar

um lanchinho falando igual uma matraca. cuidava da casa com apreço e gentileza: fazia a comida das cachorras, dormia com elas, varria o quintal, lavava a louça de todo mundo, porque gostava de fazer, porque dizia que pensava melhor enquanto fazia.

ele estava pensando muito, estava feliz demais, na crista da onda. viagens, reuniões, vitórias, portas se abrindo. vamos continuar por ele. sentindo muita saudade, mas também um orgulho que nem cabe na nossa mão. obrigada a todos por tantas boas energias e por toda a companhia, presencial e virtual. sejamos, agora, todos nós um pouco marcelo zelic. ✨

**Helena,
Com Paula, Julio, Laura, Márcia e Mari**



Papai sempre fez questão de nos ensinar muito sobre carinho, amor e trabalho. Num movimento diário de lavar louças e varrer o quintal, enquanto pensava mecanismos de não-repetição da violência sistêmica contra os povos indígenas. Lambia os beijos ao lembrar do frango assado do Yáyá e fazia o sopão das cachorras com tal gosto, parecia se tornar parte da matilha.

De certa maneira, papai nos ensinou a lidar com o impossível de sua partida, nos dava aulas com suas mãos sobre o que é a história e o tempo. Ele tem me ensinado muito sobre o tempo ao avesso, esse que torna a morte em presença de vida, aquele que não se propõe a superar o passado, mas busca carregar junto de nós a potência e ancestralidade dos guerreiros que se encantaram.

Após seus primeiros AVCs, a memória às vezes esquecia detalhes, por sorte ou

acaso o lema do Armazém é o resgate coletivo da história. E assim seguimos, diante de tantas coletividades construídas junto a papai, o lembrando enquanto seu cérebro ia aos poucos reconectando neurônio a neurônio. Papai se foi, antes de ficar velhinho. E nós, que aqui ainda estamos, perguntamos: e agora? Só consigo lembrar como a construção da história é diária e inesquecível, que vem antes de eu nascer e segue após sua partida, assim como você nos ensinou. Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar. Agora que nossos passos caminhem você, que nossos olhos te mostrem o tempo que virá, que os ouvidos escutem a oralidade ancestral de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade, que os dedos sintam a terra e colham suas pitangas. Da memória que foi sua, eu floresço e a mata cresce. Assim, tempo não é dúvida, mas a razão de quem nunca esquece.

Julio Zelic




Marcelo, a convivência e parceria, o companheirismo, as alegrias, as tristezas e as angústias que passamos juntos, os debates, os embates, os combates que travamos nos fizeram crescer e aprender tanto! Fomos parecidos, teimosos, militantes. Sonhamos juntos um país, um mundo mais justo, solidário, cuidadoso com as pessoas e a natureza. Você se reinventou tantas vezes, idealizou e realizou tanto, traçou uma história incrível! Batalhou incansavelmente em várias frentes pelos direitos humanos, criou, aprendeu e ensinou tantas coisas, conheceu tanta gente boa, ofereceu tantas contribuições às lutas mais legítimas do povo, ao mesmo tempo em que cuidava dos afetos e dos detalhes da nossa vida familiar...

Meu, você foi um cara muito especial! Foi muito intenso viver com você, criar a Helena e o Julio, com tanto amor, conviver com nossos queridos amigos e parentes, de família e da vida, conquistados com respeito, amor, trabalho, com graça e persistência. Você faz muita falta por aqui. Estamos aprendendo a viver sem a sua presença falante, sempre animada, aprendendo a cuidar e manter vivo o seu querido e potente Armazém Memória e continuar o seu legado tão lindo e importante. Tá difícil demais, mas muitos estão conosco, com você vivo na memória, na esperança e na luta. Valeu, Marcelo! Saudade imensa!

Com amor,

Paula Capriglione



Não tem sido fácil lidar com a falta que o Marcelo Zelic faz. Todos que o conheceram dizem sobre ele: que era obstinadamente apaixonado pela defesa dos direitos humanos e dos povos originários, que era inteligente, que amava acima de tudo a família, a Paula, a Helena e o Julio, a Mariana, a Eliane, o pai e a mãe, os irmãos, os sobrinhos, as cachorras vira-latas. Mas eu tenho de dizer que o Marcelo era um homem generoso, capaz de gentilezas extremas com o Edson, um morador de rua irredento, a quem ele nunca negou uma conversa, o ouvido atento, o café de todos os dias, o rádio de pilha, as pilhas, o cavaquinho e as cordas que eram perdidos semanalmente, depois de uma bebedeira qualquer (porque a vida nas ruas é difícil mesmo de aturar). Quando Edson sumia, era o Marcelo a buscá-lo no Hospital Psiquiátrico da Vila Mariana, a perguntar aos médicos de rua se o tinham visto, a perscrutar cada cobertor encon-

trado no chão, para saber se, de repente, era do amigo desaparecido. Estou falando do Edson, mas poderia falar de mim mesma. Quando eu estava triste, perdida e angustiada, era sempre ele a me chamar para comer junto, para conversar, para compartilhar. Quanto sentimento, quanta solidariedade é possível um ser humano conter? Infinito. Que privilégio ter vivido no mesmo espaço-tempo que você, Marcelo. Nunca esquecerei.

Laura Capriglione

Marcelo,

Não lembro exatamente qual foi nossa última conversa. Mas devia ser pra definir a linha prática de qualquer coisa, uma carona, um combinado com a Helena, a ida à meia noite no aniversário da Paula.

Nesses últimos dias, não soube o que dizer pra você, então escolhi de novo ser pragmática. Te contei que horas eram de que dia, quem estava na sala de espera, tudo o que todos estavam fazendo pra te salvar. Achei que isso ia te deixar feliz.

Depois, agradei pela casa (pela milésima vez), pela parceria na pandemia e pela Helena e segui pra sala de espera ficar junto dos outros.

Lembrei que, no começo, quando eu passava só os finais de semana na casa de vocês, você perguntava pra Helena onde é que eu estava. Agora estamos aqui reu-

nidos há alguns dias pra lembrar de você. Conforme a notícia foi se espalhando, o pessoal começou a receber as homenagens. E cada homenagem era um susto a mais, cada mensagem iluminava um canto do Brasil onde você também chegou. Cada história nos mostrava mais um gesto seu de solidariedade, de inteligência ou de bom humor. Era muito mais do que sabíamos sobre você, mas encaixava. E ficamos juntos deslumbrados acompanhando aquelas histórias.

Olhando para trás, a gente vê no fundo uma coisa que persiste, a coisa que faz uma pessoa ser uma pessoa. Aquele incômodo fundamental que move cada um e que você perseguiu, entre acaso e escolha, de uma forma impressionante. Pra mim, fica sempre a marca da sua existência: cuidadoso, alegre, obstinado.

Mariana Lazzari



Grande amigo, professor incansável. Peço a todos um momento de oração e agradecimento a todo o carinho que ele sempre compartilhou. E que todos possamos nos comprometer a continuar lutando junto com ele. Para a realização da Comissão Indígena da Verdade, pela salvaguarda dos arquivos de memória da luta de nossos parentes.

Daiara Tukano

Grato por tudo que você sempre foi, Marcelo.

Aníbal Ke'yrusu Potyju

Se existe alguém insubstituível é Marcelo. Saiu de cena no auge de sua militância em que se vislumbra vitórias importantes.

Antônio Funari

Faleceu hoje um grande e generoso amigo de muitos anos, Marcelo Zelic. Grande parceiro e cúmplice de muitas coisas que fazemos. Todo esse processo do acervo de Mércia, acompanhou atentamente desde 2003. Atualmente estava trabalhando em tempo integral, desde a época da Comissão da Verdade, sobre a questão indígena. A perda de uma pessoa como Marcelo Zelic é uma perda insubstituível. Vamos sentir uma imensa falta desse querido e grande companheiro de luta.

Roberto Monte, RN

Tive essa grande honra de conhecer esse grande guerreiro Marcelo Zelic, que Deus abençoe sempre. O povo Áwa fica triste por essa grande perda.

Wapoxire Silva Áwa

Meu querido amigo Marcelo Zelic virou árvore em uma linda homenagem. Foi enterrado com pintura de guerreiro. Morreu lutando. Marcelo Zelic presente!

Iraci de Jesus

Marcelo, que grande figura. Sempre ao lado das causas justas, do povo pobre e trabalhador, dos/as indígenas e incansável na batalha pela memória, verdade, justiça e reparação. Fará muita falta!

Ronaldo Pagotto

Muito novo, cheio de projetos, comprometido com a classe trabalhadora, indígenas. Vai fazer muita falta, vamos sentir muitas saudades. Marcelo presente!

Luiza Peixoto

Zelic foi um grande parceiro e, sobretudo, uma pessoa ótima, leve e cativante.

Tiago Miotto

Cimi

Gigante!

É com enorme tristeza e respeito que nos despedimos de você.

Hoje se foi Marcelo, uma das pessoas que mais admiro nessa vida. Guru, gigante.

É impossível resumir aqui o que este homem fez em defesa dos povos indígenas. Quantas noites insones passou e quanta saúde dedicou diante dos relatos alarmantes frente ao genocídio dos povos indígenas. Uma quantidade inesgotável, talvez milhões de páginas ainda infindáveis de documentos e documentos que apontam um caminho enorme a seguir dentro da luta por justiça da história dos povos originários desta terra.

Te conheci no GT indígena do Tribunal Popular dez anos atrás. Ainda este ano falamos de projetos. Semana passada nos cumprimentamos no ATL. Todos celebramos os recém encaminhamentos da Comissão Nacional Indígena da Verdade.

Marcelo, você merece a paz e o bom descanso, dormir tranquilo. Que os xapiri lhe mostrem o caminho.

Que os encantados lhe guiem.

Agradeço enormemente o exemplo de como caminhar.

Hoje tem Toré!

Vai na paz, meu irmão!

Bato cabeça pra ti, que os xapiri te guiem.

Mirrah da Silva

Parente camará ipixé!

Kupê impeiré

Aldeia te espera lá no céu!

Cheiro de urucum cubra tua alma!



Vou guardar para sempre a lembrança do Marcelo Zelic articulando, no ATL, a criação da Comissão Indígena da Verdade. Estava a mil, fazendo reuniões, discutindo ideias e mudanças necessárias para a inclusão dos povos indígenas nos processos de reparação dos crimes da ditadura. Zelic é um dos principais responsáveis por trazer à tona o número de 8 mil indígenas atingidos de maneira atroz pela ditadura civil militar de 1964 e por incluí-lo no relatório final da Comissão da Verdade. Hoje ele partiu. Tem gente que não deveria partir, Marcelo Zelic é alguém assim. Marcelo, que você nos inspire a continuar na luta por memória, verdade e justiça e que possamos ter um pouco da garra, do entusiasmo e do inconformismo que você sempre teve.

Na foto, de 25/04/2023, tirada no fim do evento de lançamento da Frente Parlamentar em Defesa dos Povos Indígenas, Zelic está combinando com a Sonia Guajajara uma reunião para tratar da CNIV.

Tiuré

Artionka Capiberibe

Conheci o Zelic há mais 20 anos. Ele veio aqui para minha casa e digitalizou todos os volumes do Relatório da pesquisa Brasil Nunca Mais. Eu tenho uma cópia física de todos os volumes, uma das coleções que foram espalhadas pelo mundo afora. Desde então nunca nos perdemos de vista, sempre juntos nas lutas de cá, de lá e acolá, sempre com pressão e na pressa, mas sempre presentes. Estou muito triste, ele sempre teve uma saúde frágil, mas muita disposição para lutar, lutar e lutar. Gostava de tornar causas esquecidas e impossíveis visíveis e assim foi com a causa indígena. Grande perda, só espero que a CEMDP (Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos) seja reinstalada antes que chegue a hora da nossa partida e encantamento.

Amparo Araújo

É absolutamente louvável mesmo o trabalho todo realizado por Marcelo Zelic, por meio de iniciativas como o Armazém Memória. Que seu legado fortaleça ainda mais uma Comissão Nacional Indígena da Verdade.

Mauricio Hashizume

O falecimento do Marcelo Zelic nos relembra que estar ao lado dos povos indígenas na luta por direitos é algo a ser feito com beleza e força, assim como foi a trajetória dele. Zelic presente.

Diógenes, MS

Fiz uma pesquisa de mestrado cujo tema foi o Massacre no Paralelo 11. Num dia em que eu estava desmotivada, encontrei o site do Armazém Memória e lá tinha esse contato de Marcelo. Chamei pra trocar ideia sem a menor pretensão de que me respondessem... Mas o Marcelo respondeu e me ajudou a pesquisar. Disse que minha pesquisa seria útil, porque trazia documentos importantes para uma possível Comissão Nacional Indígena da Verdade. Trocamos ideia e remeti a ele a cópia do processo judicial do Massacre, que ele publicou no Armazém. Essa publicação valeu toda minha pesquisa. Espero que vocês continuem com o trabalho dele.

Milena



Marcelo sempre cuidou do outro como ninguém. Tinha uma verdadeira crença na humanidade, uma disposição e esperança difícil de se encontrar. Sempre amável, argumentava com clareza sobre seus ideais. Na família e no trabalho, sempre foi intenso e apaixonado pela justiça. Estará sempre com a gente. Marcelo presente! Saudades sempre... Continue cuidando de todos nós e do mundo, esteja onde estiver.

Paulo, Márcia, Leila, Danilo e Tales

Funga funga na fogueira venha venha ver o pôr do sol... Difícil acreditar que você foi tão cedo, lembro quando eu era pequena e você tinha um macacão jeans e quis um para ficarmos igualzinho. A gente se divertia com seu medo de baratas, com suas músicas no violão. Minha infância teve seu nome, na minha infância tive você. Obrigada Marcelo.

Procurei tanto você na rede social e acabei te achando e acompanhando seu trabalho, você foi e sempre será este cara bondoso e cheio de encantos. Obrigada Marcelo, coração partido.

Leticia Ventura

Eu o vi ao vivo uma única vez, em Araraquara, quando foi trabalhar conosco nos arquivos do SPI na biblioteca. Foi um encontro que mudou muita coisa pra mim nos rumos da antropologia e pra todo mundo que estava lá aquele dia, entre os jovens pesquisadores presentes.

Gracias, Zelic!

Felipe Johnson

Deixo aqui minha homenagem ao Marcelo Zelic. Juntamente com o Prof. Christian, Sandra, Ana Zema e Elaine, tive a oportunidade de não só ter um primeiro estágio pela UnB, mas de ver a primeira expansão do Obind (Observatório dos Direitos e Políticas Indigenistas) como projeto de extensão e materialização do trabalho e luta do Marcelo aqui no Centro-Oeste. Me lembro das primeiras reuniões que eram só 3 ou 4 pessoas e o Marcelo via Skype, e, posteriormente, as visitas dele a Brasília, onde vi o tanto que ele era e ainda é respeitado. Mesmo com o fim da bolsa, não deixei de acompanhar o grupo aqui e, quando possível, ainda participava de reuniões com o Marcelo. Agradeço a oportunidade de o ter conhecido e aprendi na prática com o Marcelo, nas reuniões, encontros e peregrinações dele nos eventos em Brasília que o acadêmico não tem que ser só intelectual, mas ativista.

Jonathan Gassner

Muito triste! Marcelo estava muito feliz com a Comissão Nacional Indígena da Verdade. Falamos sobre isso no ATL. Enorme perda. Fica a sua história e o seu exemplo.

Deborah Duprat

Tenho muito orgulho de ter conhecido e compartilhado momentos muito legais com ele. Sujeito único, criativo, generoso e solidário. Enorme perda. A voz dele, sempre com uma positividade que eu não sei de onde ele tirava, mesmo nos piores momentos, não sai da minha cabeça.

Lili Coster

Marcelo esteve presente na comemoração da minha defesa de doutorado, desde então sempre nos falávamos quando nos encontrávamos no acampamento em Brasília. Ele me convidou para trabalhar como pesquisadora indígena num projeto do Museu da Pessoa e foi muito importante. Nesse último acampamento, conversamos bastante e íamos fazer juntos um projeto na linha desse, mas voltado para indígenas em contexto urbano, extrativista e ribeirinho, para colaborar com seus fortalecimentos por meio dos registros de suas memórias dos seus processos.

Márcia Mura

Sinto muito a partida repentina do Marcelo Zelic. Nos falávamos muito. Tivemos algumas iniciativas conjuntas e eu estava ajudando nesse processo da Justiça de Transição, entre outros momentos. Rezo a Deus agradecendo pelo dom de sua vida e pela doação que tanto teve pela justiça e os povos indígenas

Frei Marcelo Toyansk

Quando a gente gosta muito de uma pessoa, assim, muito perto da gente, e que a gente aproveitou tudo o que pode da presença dela, parece que quando ela parte, parte dela fica com a gente, lá dentro, fica incorporado. E invade na gente aquela gratidão por ter tido ela com a gente. E aquela certeza de que o mundo é melhor porque ela passou por aqui. Foi assim que me senti quando minha mãe se foi. Que o legado do Marcelo fique em todos nós com gratidão. Gosto tanto de vocês todos e queria que soubessem disso. Se precisarem de qualquer coisa, contem comigo. Um abraço enorme pra vocês.

Maria Luísa Galvão

Tive conversas curtas com Marcelo, me apaixonei imediatamente pelo seu cantinho escritório nos fundos da casa. Sua presença, eu a senti, forte, intensa. Escutei, de camarote, algumas de suas piadas e ironias. Deliciosas. Testemunhei, nas festinhas da casa, o sujeito lavando a louça, com ternura e prazer. Sei de sua importância para a nossa História e nossas lutas. Alguns amigos meus historiadores conviveram e foram parceiros do Marcelo. Mas o amor que emana nessa família é o que sempre me tocou mais. E como Marcelo era chama quente e luminosa, entre Paulinha, Julio e Helena. Ofereço meu abraço forte e meus sentimentos mais profundos. Marcelo presente, sempre.

Claudio Henrique Ribeiro

Zelic tinha um coração do tamanho do mundo e um comprometimento inspirador. Ele deixa um enorme legado com a localização do Relatório Figueiredo e as milhares de páginas de documentos e vídeos disponíveis no Armazém Memória. Vá em paz, querido Marcelo. Obrigado por tudo.

Fabrizio Teló

Marcelo Zelic foi um grande amigo, um pesquisador, um homem comprometido com o resgate da memória e com as lutas sociais para tornar o mundo melhor.

Perly Cipriano

Obrigado por tudo, camarada. Especialmente pela generosidade e preocupação com as novas gerações de lutadores. Nos vemos!

André Takahashi

Enorme perda. Era um lutador em defesa do elo mais frágil da sociedade brasileira, os povos originários. Marcelo presente!!!

Odilon Guedes

Sempre me motivou a saber sobre a história do meu povo Kayabi. Com certeza, estará sempre em nossa memória

Dineva Kayabi

Recentemente incluímos seu último texto — Justiça de Transição para os Povos Indígenas — na grade de textos obrigatórios de uma disciplina básica da UnB para todos os cursos de humanas e aplicadas. São 11 turmas, quase 800 estudantes por semestre. Infelizmente não consegui dar a ele essa notícia em vida, mas já é sua presença após a partida se materializando. Zelic presente!

Rodrigo Lentz

Se foi Marcelo Zelic... Se houver um outro lugar, onde todos os bons combatentes se encontram, torço pra que esteja junto a Paulinho Fonteles, nosso companheiro e comandante. Aqui fica o mundo mais triste, mas fica também o legado de sua intransigente luta em defesa dos direitos humanos. Vá em paz, camarada. Minha gratidão por ter nos dado um lugar pra nossos feitos no seu Armazém Memória. Marcelo Zelic presente!

Evandro Mendes

Exemplo admirável de luta. Incansável. Zelic parte mas deixa um legado que deve servir de inspiração para todos nós. Encantou mas viverá em nossa memória e na história de luta do nosso país. Obrigado, companheiro!

César

Puxa, tristeza! Marcelo grande companheiro deixa para nós o seu legado de luta sobre povos indígenas, a quem lançou luz sobre seu sofrimento durante a ditadura e que permaneceu sob a truculência do fascismo. As palavras de sua filha são certas. Guardaremos sua presença e luta em nossa memória. Marcelo Zelic presente! Agora e sempre!

Vera Vital Brasil

Marcelo foi um gigante, e assim como cuidou da memória dos nossos povos e do nosso país, será também sempre guardado em nossas memórias

Étore Medeiros

Grande perda para a memória, verdade e justiça. Estivemos juntos com a Comissão da Verdade do Pará, na região onde ocorreram as perseguições e mortes dos combatentes do Araguaia, os camponeses e os índios da reserva Sororo. Marcelo Zelic, sempre presente. Deixa um legado histórico e por muitas e muitas razões, será sempre lembrado.

Diva Santana

Sempre estará presente na luta do povo Æwa. Seremos sempre gratos pela boa ação feita de coração e sede de justiça por nós, sempre na esperança que nosso povo se sentisse mais confortável vivendo nesse mundo, apesar de toda a injustiça vivida no passado. Não há palavras certas para escrever, mas sei que o Marcelo Zelic sentirá nossa enorme gratidão pela diferença que fez em nossa vida. Patrícia que nos apresentou esse ser humano incrível, que abraçou a nossa causa, buscando dar visibilidade e somando. A nossa equipe desse grupo, assim como nosso povo, sentirá saudades eternas.

Kamutaja Silva Æwa

O último sonho de Marcelo Zelic



Rubens Valente
@rubensvalente

no último dia 25 o pesquisador Marcelo Zelic e eu caminhávamos na UnB quando demos de cara com este cartaz afixado numa parede. Ele me pediu pra tirar uma foto “para colocar nas redes”. Ele faleceu nesta segunda-feira. Aqui está, Marcelo



20:59 · 09 mai. 23 · 42,2K Visualizações

Morto nesta segunda-feira após um AVC, coordenador do Armazém Memória estava empenhado em ajudar na criação de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade.

Há duas semanas, Marcelo Zelic estava animado e cheio de esperança. Quase nove anos depois da conclusão da Comissão Nacional da Verdade, em dezembro de 2014, finalmente tudo fazia crer que o governo federal, agora inclusive com um inédito Ministério dos Povos Indígenas, abraçava a necessidade da criação de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade. Depois de anos de omissão do Executivo, em especial todo o governo Jair “*nenhum centímetro de terra indígena*” Bolsonaro. A comissão específica foi uma das várias recomendações que a CNV fez ao Estado brasileiro no capítulo destinado às violações contra os povos

indígenas e que jamais foram cumpridas – na verdade, nenhuma foi adotada até hoje. Agora a iniciativa tem o apoio declarado da ministra Sônia Guajajara (Povos Indígenas) e da presidente da Funai, Joênia Wapichana.

Na semana do ATL (Acampamento Terra Livre) em Brasília, Zelic falava o tempo todo sobre o assunto, sua derradeira sublime obsessão. Participei com ele, no dia 25 de abril, a convite da deputada federal Célia Xakriabá (PSOL-MG), de uma audiência na recém-criada Comissão da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais. Zelic defendeu a necessidade de aprofundar a pesquisa do passado a fim de “*buscar elementos que possam provar a ação e a conduta do Estado*” e “*buscar identificar no nosso presente a permanência dessa conduta e dessas*

violações e exigir do Estado [...] mudança de conduta”.

À noite fomos a uma palestra na UnB (Universidade de Brasília) feita por um representante do povo Sámi da Noruega, o advogado Øyvind Ravna, na presença da subprocuradora-geral da República aposentada Ella Wiecko. No carro até a universidade, Zelic quis saber se a Agência Pública iria cobrir as viagens que, ele pensava, seriam um dos primeiros passos da futura Comissão Indígena da Verdade.

Eu não posso falar em nome da Pública, mas respondi que claro que sim, certamente, povos indígenas estão entre os assuntos prioritários da agência. Zelic dizia que audiências públicas nas aldeias seriam fundamentais para ouvir, diretamente dos indígenas, os casos de violações de direitos humanos durante a ditadura. Concordando, acrescentei que muitas lideranças daquele tempo, idosas, precisam ser ouvidas com urgência. Eu não podia imaginar que a observação valeria para o próprio Zelic.

O pesquisador, assim como eu, se mostrou surpreso com o tamanho (cerca de 70 mil pessoas), a história e a organiza-

ção representativa do povo Sámi, que construiu até um Parlamento próprio. No jantar que se seguiu à palestra, Zelic encheu Ravna de perguntas sobre justiça de transição e memória: houve reparação de violações na Noruega, qual o papel do Judiciário e Executivo noruegueses, existiu uma Comissão da Verdade, teve gente que foi contra? Obviamente coletava elementos para a comissão brasileira, que não saía de sua cabeça.

No começo da noite seguinte, nos encontramos no gramado da Esplanada dos Ministérios, onde centenas de indígenas se reuniam.

O ATL projetou no prédio do Congresso Nacional um vídeo que dizia, entre outras coisas: “*Nunca mais um Brasil sem nós*”. Um dos pontos mais fortemente defendidos por Zelic é que a futura Comissão Indígena da Verdade só inicie seus trabalhos e eleja os casos prioritários depois de uma ampla consulta aos próprios indígenas. Era o primeiro e imprescindível passo, repetia Zelic.

Nessa noite Zelic me disse que havia caminhado muito durante o ATL em Brasília, estava cansado. Eu comentei que tinha

comprado uma bicicleta ergométrica durante a pandemia e procurava me exercitar toda noite pelo menos 30 minutos por dia. Zelic gostou da ideia, disse que iria verificar o preço de um equipamento semelhante. Fora o cansaço, não se queixou de nenhum problema de saúde. Eu não sabia que ele já havia sofrido três acidentes vasculares cerebrais. Embora nos conhecêssemos há cerca de oito anos, não éramos interlocutores frequentes nem amigos próximos.

Almoçamos no dia seguinte numa barraca de espetinhos no ATL. Na mesa estavam, entre outras pessoas, o procurador da República Marlon Weichert, experiente investigador de crimes cometidos por militares durante a ditadura, e o ex-deputado federal Gilney Vianna, ex-presos político na ditadura, integrante de grupos de familiares de mortos e desaparecidos políticos e um especialista nos casos de violência cometida pela ditadura contra trabalhadores rurais. Zelic compartilhava suas dúvidas e angústias sobre a futura comissão, ouvia as respostas, meditava. Ele jogava uma ideia no ar e queria saber como era recebida. Na prática, fazia uma pesquisa.

No dia 29, na última mensagem que me mandou por um aplicativo de celular, Zelic compartilhou um vídeo no YouTube no qual a ministra Sônia Guajajara defendeu, durante o discurso que proferiu no mesmo ATL, a necessidade de reparação pelos crimes cometidos pela ditadura contra os indígenas. “*Criar a Comissão Indígena da Verdade é uma medida fundamental para promover o início dessa reparação e para garantir que não haja repetição desse vergonhoso episódio da nossa história*”, disse a ministra. Imagino a satisfação de Zelic ao ouvir a promessa.

Conheci Zelic em 2015, durante um encontro de história em Diamantina (MG) para o qual fomos convidados pela historiadora e professora na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) Heloísa Starling. Eu e Zelic integramos uma mesa que debateu as violações dos direitos indígenas durante a ditadura. A minha primeira impressão, que persiste até hoje, foi de um pesquisador sobretudo permanentemente indignado com os horrores da ditadura. Indignação que ele fazia questão de nunca esconder, desde o café da manhã no hotel.

Na época do seminário em Minas, Zelic já era reconhecido como um grande pesquisador da temática, tendo sido o autor da descoberta, ou redescoberta, do processo administrativo produzido na segunda metade dos anos 1960 que ficou conhecido como Relatório Figueiredo, cuja divulgação levaria à extinção do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). O processo estava arquivado no Museu do Índio, no Rio de Janeiro, mas indexado apenas com um número, sem explicações sobre o conteúdo. Zelic reconheceu sua importância e o resgatou do limbo em que permaneceu mais de 40 anos. Foi também Zelic o responsável por localizar um filme produzido pelo governo nos anos 70 que mostrava um indígena simulando a prática de tortura num pau-de-arara, um singelo “*ensinamento*” dos torturadores aos membros de uma “*guarda indígena*” que funcionou em Minas Gerais durante a ditadura.

Na condição de coordenador do Armazém Memória e membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, Zelic e sua equipe de colaboradores coletaram, escanearam, organizaram e disponibilizaram uma impressionante coleção de documentos e outros dados

relativos aos direitos humanos. Apenas sobre os povos indígenas são 18 bibliotecas com 2,2 milhões de páginas. Parte desse trabalho é utilizada por organizações indígenas e membros do Ministério Público Federal na instrução de ações civis públicas que buscam investigar e reparar comunidades indígenas. Zelic também atuou na CNV e no apoio a diversas comissões da verdade nos Estados. Participou de um sem número de debates, ao vivo ou por videoconferência, produziu textos, organizou pesquisas.

Em meio a essas intensas atividades, Zelic sofreu um novo AVC, na última sexta-feira (5), foi socorrido e internado num hospital em São Paulo, mas faleceu nesta segunda-feira (8), deixando desolados familiares, amigos e colaboradores. O sonho inacabado de Marcelo Zelic enfim se tornar realidade é a maior homenagem que ele poderia receber.

Rubens Valente

Viva Marcelo Zelic

Bravo guerreiro de transbordante co-
ração. Incansável na luta pelos Direitos
Humanos, especialmente dos Povos
Indígenas. Guerreiro no mais combativo
sentido da verdade e da memória neste
país. Nas ruas ou nas redes você sabia
que *“a verdade é um campo de batalha”*.
Que honremos sua amizade e sua alian-
ça pela verdade e pela justiça de nossos
povos. Que o Armazém Memória cresça
e frutifique em muitas redescobertas.
Nossa gratidão será seguir em marcha
honrando sua presença nesta vida. Viva
Marcelo Zelic!

Idjahure Kadiwel

Meus sentimentos à família e a todos que ti-
veram o prazer de conhecê-lo! Pude abra-
çá-lo no ATL. Marcelo deixará saudades.

Samara Pataxó



Zelic foi um presente pra gente... Acho que
trazido pelo Paulinho... Agradeço muito a
ele termos conseguido terminar o relató-
rio... Meu último papo com ele em Brasília no
ATL indígena há duas semanas foi cheio de
projetos... Sobre uma Comissão Indígena
da Verdade... Vá em paz camarada.

Marco Apolo

Fiquei muito triste com esta notícia!
Dirigia o Grupo Tortura Nunca Mais quan-
do Marcelo se aproximou, aderindo às
nossas lutas (em torno de 2002). Propôs
montarmos o Armazém Memória e ini-
ciou um árduo trabalho de digitalizar do-
cumentos. Consideramos isto de grande
relevância. Foi um grande revolucionário.

Elzira Vilela

Um verdadeiro guerreiro da causa indíge-
na! Fará falta a todos, especialmente ao
povo Avá.

Dr. Bruno Rodrigues

Procurador da República em Gurupi, TO

Lamento muito. Uma grande perda... Envio
o abraço carinhoso para toda a família em
nome do Instituto Socioambiental.

Juliana Batista

Zelic foi gigante, tive o prazer de ca-
minhar com ele em algumas batalhas
importantes. Sua pesquisa foi essencial
para várias ações do MPF.

Julio Araújo

Envio a toda a família um grande abraço
cheio de força e muito amor... E também
gratidão a vocês por todo o trabalho que o
Marcelo fez por tantos anos, contribuindo
tanto com as lutas justas e necessárias
em nosso país.

Juliana de Moraes

Meu irmão, que tanto lutou por nós indígenas e foi incansável na luta por justiça a todas as atrocidades cometidas pelo Estado. Que Deus o acolha e o receba em um bom lugar. Ancestralizou o grande lutador das causas indígenas Marcelo Zelic. Somos todos gratos por tanto empenho em nos apoiar. Vamos seguir na luta com todo o legado que você nos deixou. Vá em paz, irmão.

David Popygua

Eu consultei incansavelmente o trabalho do Marcelo ao longo de muitos anos. Tive a oportunidade de finalmente conversar com ele no ATL. Uma pessoa brilhante, generosa e de luta. Que ele siga seu caminho em paz. Fará muita falta nesse plano. Seu legado é enorme e estará sempre conosco.

Ana Alfinito

Perdemos Marcelo Zelic, incansável na luta dos povos originários e dos direitos humanos.

Samantha Quadrat

Meus sinceros sentimentos a toda a família, próximos, amigos e colegas. Marcelo fez tanto, sempre solícito. Deixará muitas saudades e também grandes ensinamentos.

Nathalie Pavelic

A todos os familiares e amigos próximos, meu abraço sincero e carinhoso nesse triste momento. Saiba que o Marcelo foi uma pessoa que sempre nos inspirou muito pela seriedade e compromisso profissional. Que sigamos fortalecendo seu legado e semeando sonhos e conquistas nessa longa caminhada.

Isa Lunelli

Grande companheiro Marcelo Zelic fez a Grande Viagem e já está nos lindos campos do Valhala, onde de espada em punho está confraternizando com todos os valorosos guerreiros que o antecederam. Marcelo Zelic presente!

Jair Krischke



Trabalhava com o Marcelo e nos tornamos amigos. Sinto muito, estou muito triste! Um beijo carinhoso, paz e força.

Ruth Negrini

Convivi bastante com o Marcelo no período da Comissão da Verdade e guardo dele uma lembrança muito linda, ele era muito companheiro. Estou sentindo muito a sua partida.

Angela Mendes de Almeida

Eu lembro dele chegando na nossa reunião em junho de 2013, pós anúncio da queda dos aumentos de tarifa, todo mundo emocionado e ele diz "o amanhã será maior!". Obrigado por ter aberto tantos caminhos.

Lucas Legume



POLÍTICA

Relatório Figueiredo que mostra extermínio de aldeias é encontrado

Relatório de 1968, supostamente desaparecido, relata extermínio de aldeias inteiras, envenenamentos, torturas e assassinatos praticados pelo próprio Estado. Material deve ser enviado à Comissão da Verdade



Felipe Canêdo

postado em 19/04/2013 13:29



Belo Horizonte ; Depois de 45 anos desaparecido, um dos documentos mais importantes produzidos pelo Estado brasileiro no último século, o chamado Relatório Figueiredo, que apurou matanças de tribos inteiras, torturas e toda sorte de crueldades praticadas contra indígenas em todo o

Que tristeza enorme a notícia de que Marcelo Zelic nos deixou! Um dos grandes. Lutador incansável em favor dos povos indígenas. Foi um privilégio ter sido seu amigo na última década. Um cara sobretudo de bem com a vida, sempre rindo diante das situações mais complicadas. Quando o conheci, em 2013, eu era repórter do Estado de Minas e conversei com ele por telefone, nos demos bem de cara. Ele compartilhou comigo o Relatório Figueiredo, demos o furo em 19 de abril de 2013. Fui à casa dele em São Paulo buscar os arquivos digitalizados do documento e ele me levou a um quatinho cheio de livros e fitas VHS. Tirou uma caixinha de música de um canto e girou a manivela. A Internacional Comunista. “*Primeiro as primeiras coisas*”. Disse e riu demoradamente. A série rendeu, fomos juntos para as Comissões de Direitos Humanos da Câmara e do Senado. Me lembro de um dia que fiz uma matéria com Maria Rita Kehl, que era da CNV, e Zelic me ligou chorando na manhã seguinte. Pautamos a CNV. Viramos amigos fraternos. Em 2017 fiz um curta-metragem sobre a Guarda Rural Indígena chamado Arara. Estreou no É tudo verdade, entrou na grade da

TV Futura. Zelic foi quem me passou as imagens, inclusive a que abre o filme, que ele mesmo gravou. No ano passado ele veio a BH pra participar de uma audiência pública do MPF. Recusou hotel e ficou num quatinho na minha casa. Isso era no segundo turno da eleição. Na sexta antes da votação, estávamos tomando café quando um camarada do Censo bateu lá em casa. Zelic tinha uma reunião com um procurador do MPF (agora não tem problema contar, né), mas ficou batendo papo com o recenseador sobre política. Convencemos o rapaz a votar e demos umas boas risadas. Zelic partiu para a reunião com mais de uma hora de atraso. Zelic era esse cara. Interessado na política dos afetos, do mundo real, não na dos gabinetes. Era vice-presidente do Tortura Nunca Mais e tinha um projeto incrível: o Armazém Memória. Vai fazer muita falta. Saravá, meu amigo. Ou, como ele mesmo assinava: *avanti, popolo*.

Felipe Canedo

O Marcelo é um grande guerreiro na luta pela democratização do país, em particular da comunicação. Amigo dos povos em luta e praticante do internacionalismo proletário. Figura ímpar. Para os filhos ficam as alegrias, as trocas, os aprendizados, as brigas que fazem crescer nossa humanidade, os traços comuns no espelho, a memória. Mas cada um de nós, que teve o privilégio de repartir essa quadra histórica com ele, também carregará parte dessa memória, a gentileza, o sorriso largo, o compromisso com o povo, seremos a eternidade dele. Marcelo Zelic presente!

P.s.: O Marcelo era muito querido, marcou muita gente, no grupo da ABJD nacional, já vi postagens de militantes do CE, PA, RS, RJ e várias aqui de SP sobre a perda dele. Nada disso trará ele de volta mas, de alguma forma, penso que pode alentar um pouquinho o coração de vocês.

Me lembro dele de inúmeras batalhas desde a campanha pela Libertação dos Presos Políticos do MST. Foram plebiscitos, comitês temáticos, a luta pela democratização da comunicação, a defesa das rádios comunitárias, a luta constante pela preservação da memória de nossos lutadores e lutadoras, a busca pela justiça aos mortos e desaparecidos durante o regime

militar, os escrachos aos torturadores, a defesa intransigente da democracia. Tudo isso com um sorriso no rosto, um gesto de carinho, um cuidado. Sempre. Ele e Helena são poetas! São de uma têmpera especial, forjada na luta e com uma sensibilidade acima da média.

Fátima Sandalhel

Marcelo foi um dos organizadores do relatório final da Comissão Estadual da Verdade, com o qual contribuí quando integrei a Comissão de Direitos Humanos na Alepa. Sua energia nos inspira a seguir na luta por uma sociedade justa e de direitos para todos e todas. Estendo a todos os seus familiares e amigos meu abraço fraterno neste momento de luto. Marcelo Zelic presente!

Marinor Brito

Tem pessoas que tem o dom de cativar pessoas e seu Marcelo era um. Será sempre eterno pra mim enquanto vida eu tiver.

Luciano

Eu tô triste pela partida desse guerreiro.

Kupere

Estou sem palavras. Lembro do Marcelo me pegando no colo. São muitas e muitas lembranças. Vou sentir muita falta dele falando “ô *Mônica, vem aqui ver uma coisa no barracão*” toda vez que eu chegava aí. Seguirei pensando nele. Viva o Marcelo, sempre.

Mônica Coster

Nossa solidariedade aos familiares e amigos do companheiro Marcelo Zelic. Descanse em paz!!!!

Muna Zeyn

Marcelo é muito querido, uma pessoa linda, vibrante, inesquecível. Pra todos vocês, o meu abraço e o desejo de muita paz. Sejamos então todos nós um pouco Marcelo Zelic.

Miriam Audi



Há pouco recebi a notícia de que o amigo Marcelo Zelic encantou. Por esses dias falávamos sobre a Comissão Nacional Indígena da Verdade, e agora recebo essa porrada.

Com muito orgulho, nós, da Ocareté, temos uma parceria com o Marcelo em que disponibilizamos milhares de documentos referentes aos Waimiri-Atroari (do acervo de Egydio Schwade, que eu digitalizei) ao acervo do seu Armazém Memória e que pode ser consultado por todos gratuitamente. Ele ainda participou de nossa live com Rubens Valente, participamos de outros eventos juntos...

Marcelo é uma pessoa de extrema importância na luta pelos direitos dos povos indígenas. Seus atos não serão esquecidos e muito menos parados. Todos nós continuaremos seu trabalho.

Conversando sobre isso com Katie Maehler ela me disse que tinha tirado essa foto em algum ATL, e eu nem sabia.

Henry Mähler-Nakashima

O amigo se foi e deixa uma tristeza gigante. Sei, mas não quero acreditar, quero lembrar de sua presença. Teimoso, divertido, afável, incontrolável!!! Insubstituível. Carregava e distribuía seus documentos com quem pudesse ouvi-lo por um minuto, ou trinta segundos... Combativo guerreiro, olhe por nós.

Edilene Coffaci de Lima

Lamento profundamente a partida de Marcelo. Estamos todos de luto.

Nita Freire

Parece que se foi um pedaço da gente. Marcelo Zelic presente! Para sempre.

Rose Nogueira

Marcelo Zelic vive. Marcelo presente. Sempre. Sempre. Sempre.

Cleber Buzatto

Marcelo Zelic presente!

Seu legado é hoje patrimônio do povo brasileiro, fará avançar as lutas pela liberdade dos povos originários, dos direitos humanos. Meus sentimentos e muita força a sua família.

Rita Sipahi

Como está difícil de aguentar que o Marcelo Zelic foi embora. E estivemos juntos rindo dos nossos AVCs. Sempre estará com todos nós, Anistiados Políticos e Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos.

Rosa

Viva a memória e o legado de Marcelo Zelic! As centenas de milhares de documentos digitalizados e disponíveis online são fundamentais para a história dos povos indígenas no Brasil e pra história do Brasil, em geral.

Luma Prado



Nunca vi uma pessoa tão pura, tão limpa, tão honesta, tão sincera. Até quando ele era duro comigo, ele não perdia a sinceridade, a beleza. Primeiro o Marcelo e o frei Lency, quando eles foram morar lá na Favela do Autódromo, como aquela alma gêmea e aquele outro anjo... Marcelo me ensinou tudo sobre o chamado armamento não-letal, me ensinou a entender sobre a letalidade e de onde vinha o termo “*não-letal*”: do manual do fabricante daquele equipamento. Marcelo fez o melhor trabalho sobre os indígenas na Comissão da Verdade. Quando foi criada a CNV, não tinha o capítulo sobre os indígenas, mas a partir daquela descoberta que ele fez, da

Guarda Rural Indígena, aquilo foi pro Brasil inteirinho, na matéria feita pela Laurinha Capriglione. Se tem o capítulo sobre os indígenas, na CNV, foi por causa do Marcelo. E ele se transformou numa referência nacional da questão indígena do passado e do presente! O Marcelo fez o relatório da Comissão da Verdade do Pará, com a Angelina. Uma vez, ele e a Paulinha, sabendo das dificuldades financeiras da minha campanha, fizeram alguns vídeos comigo e colocaram no ar, logo em seguida veio o 2º turno, e quem desvendou a farsa da bolinha de papel, na campanha do Serra, foi o Marcelo! Ele fez um dos trabalhos mais importantes do Ministério Público

Federal, que foi a digitalização do Brasil Nunca Mais. Ele queria digitalizar o acervo do Padre Ticão, eu levei ele lá, ele viu tudo, o Padre Ticão disse: Adriano, desde que o Paulo Freire veio aqui, nunca vi alguém tão impressionante como esse Marcelo Zelic! Eu quase enlouqueci na primeira vez que ele teve um AVC, felizmente ele foi salvo, mas quando veio esse último AVC, hemorrágico, foi uma tristeza... Marcelo contando tantas histórias, com aquela voz rouca, sempre animado e pronto, quanta falta você faz! Tchau, querido, até um dia!

Adriano Diogo
PT-SP

Viva Marcelo!

Uma pessoa maravilhosa, de um coração gigantesco, incansável na luta por justiça e memória e que, pessoalmente, acolheu a todos nós, amigos, como se fôssemos da família. Até que da família viramos. Vamos seguir na luta, cuidando da memória do mundo e da memória do Marcelo, com muita saudade e com muito carinho.

Ana Carolina Gomes

Hoje meu tio Marcelo se foi... Não tínhamos o contato diário, mensal... Ultimamente só tínhamos nos visto em velórios mesmo (do meu pai... do meu avô, tia-avó, enfim...). E novamente a gente relembra sobre o tempo que perdemos e que não volta mais.

Meu tio tinha um jeito autêntico... Brincalhão, alegre, mas acho que o mais marcante era o senso de justiça social que ele carregava e tinha como propósito.

Murilo Mattar

Querida, muito orgulho terás de um pai com tanto caráter e generosidade. Uma perda irreparável, um lutador incansável. Muita força pra você e sua família que a gente tanto ama. Meus profundos sentimentos.

Monica Zarattini

Que legado Marcelo Zelic deixa. admiração imensa.

Nossa última conversa foi animadora do momento que vivemos, ele escreveu: “*estou bem e animando*”. Lutava incansavelmente por uma Comissão Nacional Indígena da Verdade, que as “*conversas avançaram*”, pensava uma rede indígena e não-indígena pela efetividade da justiça de transição.

Que falta tão grande que vai fazer, que legado imenso ele deixa, que pessoa tão maravilhosa e fantástica... Não era a hora... De forma alguma... Que triste.

Felipe Milanez

Convivi com o Marcelo em inúmeras reuniões na década passada no Tortura Nunca Mais. Revi ele esses dias no ATL, não conversamos, mas vi ele fazendo uma piada e fiquei feliz de vê-lo sem saber se me reconheceria. Um grande sujeito. Luz para vocês.

Drão Cunha

Brasil fúnebre com a morte de Marcelo Zelic (ontem), David Miranda e Rita Lee (hoje). Incansáveis na luta por um Brasil melhor, com mais respeito, dignidade e justiça. Que descansem em paz!

Mayra Wapichana

Triste conhecer a passagem de Marcelo para um plano superior. Reivindicar seu legado, compromisso e trajetória é uma tarefa necessária nesses tempos de memória curta e negacionismo. O futuro terá que ser feito necessariamente das histórias de resistência recuperadas que pessoas como o Marcelo fizeram.

Iván González

Morreu um grande: Marcelo Zelic

Extremamente significativo o último post dele ter sido sobre a proposta, pela ministra dos Povos Indígenas, de criação de uma Comissão Indígena da Verdade. Pois ele teria sido uma das principais pessoas a estar à frente de um projeto como esse, corajosa e intelectualmente à frente de um projeto como esse, crucial nesta nação tão distraída.

O projeto Armazém Memória, que ele coordenava, precisa ser celebrado como uma das principais referências na construção de uma memória sobre direitos humanos no Brasil.

O país perde e não perde pouco. E o país perde em meio a uma curiosa pandemia da superficialidade e da falta de memória, males dos quais Zelic não padecia.

Todos os que trabalhamos com informação e com direitos humanos devemos muito a ele. E precisamos nos comprometer a dar prosseguimento a esse legado.

Cada vítima da ditadura e de tantas outras opressões neste país violento merece ser lembrada, reverenciada. E esse é um

trabalho inconcluso, que mal começou. (E isto explica muito a multiplicação de gorilas e cafajestes e assassinos neste país.)

O trabalho tenaz de pessoas como Marcelo Zelic significa a construção de delicadezas em meio aos escombros, o resgate da dignidade de cada uma dessas vítimas em meio ao mergulho no subsolo, nas cloacas políticas e econômicas.

Todos temos muito o que agradecer a ele: todos nós, a sociedade brasileira, pelo menos esta que almeja manter algumas ilhotas de civilização em meio à barbárie, essa senhora violenta e desmemoriada.

Alceu Castilho

Foi uma honra trabalhar com o Marcelo e tive oportunidade do último abraço no ATL e no congresso, falando animadíssimo sobre a Comissão da Verdade. Marcelo segue conosco. Força a cada um que teve privilégio de trabalhar com ele. Meus sentimentos à família.

Braulina Baniwa

Marcelo Zelic, o batalhador da memória reparadora, se foi hoje no começo da tarde. E tanto FDP por aí. Triste.

Ropjaká

Perdemos Marcelo Zelic e Rita Lee na mesma semana. Pessoas que lutaram pela democracia, cada qual em suas trincheiras, com dimensões cada vez mais raras, atualmente. Perdas irreparáveis. Semana difícil.

Flávio de Leão Bastos

Posso te dizer que as memórias, que Marcelo tanto nos ensinava, é a única forma da gente manter vivo esse amor dentro da gente. Em Pernambuco temos um lindo frevo, que canta “*quem tem saudades nunca está sozinho, tem o carinho da recordação, por isso quando estou mais isolado fico bem acompanhado com voce no coração*”. Choremos a partida, e nos abriguemos nesse ser humano incrível que foi Marcelo. Meu abraço sincero pra toda família!

Isis Campos MST

Pensei muito nos últimos dias sobre a sorte que tive de ter convivido mais com o Marcelo nos últimos anos e meses. Aprendi com ele coisas que a gente aprende vendo e observando as pessoas. Que não é nada que elas nos ensinam diretamente, mas nos transmitem de uma forma delicada. Lembro fortemente dele falando sobre memória, sobre justiça. O ânimo dele por encontrar coisas novas, por colocá-las no mundo através do arquivo. Muito cuidado com a memória. Uma animação por estar vivo meio inexplicável, difícil de se encontrar. Eu também já li poemas da Helena sobre seu pai, além de ouvir ela falar dele quase todos os dias. Vira e mexe eu penso na imagem que ela escreveu sobre ele em um dos seus poemas, sobre ele ter um coração grande demais, literalmente grande demais para caber no peito. A vida real e a metáfora se encontram de uma forma inexplicável nesse caso. Era um coração grande demais mesmo, onde cabia todo mundo, gente nova e gente velha, os animais e as plantas do quintal que ele cuidava com muita atenção. Teria algumas histórias para dizer dele, mas hoje penso especialmente no dia que um passarinho entrou em casa,

e enquanto eu tentava tirar ele de dentro de casa, Marcelo entrou e virou amigo do passarinho de repente. Em cinco minutos, fomos tentar tirar o passarinho de casa para darmos um nome pra ele, que já estava sentado na mão do novo amigo. Eu e ele também temos a semelhança de sermos os lavadores de louça de casa, das duas casas da Helena, e sempre conversamos sobre pias, panelas sujas e os maus hábitos domésticos dos outros, fingindo reclamar por hobby, quando no fundo a gente não se importa tanto assim. Admiro ele de muitos jeitos, porque ele foi muita coisa em vida. Continuará a admirá-lo mesmo se ele não tivesse sido tudo o que foi, só por ele ter colocado a Helena e o Julio no mundo, e ter me dado uma das melhores amigas que eu poderia ter. Como eu, sei que muita gente guarda as melhores lembranças e ensinamentos vindos dele. E vai ter ele sempre na memória, essa coisa sobre a qual ele nos ensinou tanto.

Natália Lobo

Nós somos Rita Lee e Marcelo Zelic

Sem música, sem arte, o Brasil não é o mulato inzoneiro da Aquarela de Ary Barroso. Mas nenhum país tampouco vive sem a memória, “*a chama da vela que quase se apaga com o sopro do ar*”, como canta Ney Matogrosso. Por isso, muitos brasileiros decretaram dentro de seus corações luto oficial pelo falecimento de Marcelo Zelic, membro do Grupo Tortura Nunca Mais (GTNM) e da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, ocorrido no mesmo dia do adeus a Rita Lee.

Vitimado por um AVC hemorrágico aos 59 anos, ele não era uma celebridade midiática, mas ao não deixar a chama da vela apagar, nos permite afirmar que somos quem somos, porque Zelic foi Zelic. A documentação compilada por Zelic, consultada por acadêmicos e líderes indígenas, contribuiu para reivindicar direitos à terra, à língua e à cultura, além de ter alimentado teses e dissertações.

José Ribamar Bessa Freire

Quando eu tinha 16 anos, tive que fazer um projeto de iniciação científica na escola e escolhi estudar o capítulo indígena da Comissão Nacional da Verdade de São Paulo (CNV-SP). Quando eu pensava em presos políticos, torturados ou assassinados pela ditadura, me perguntava o que tinha acontecido com as comunidades indígenas que sofrem terrorismo de Estado e perseguição em todo e qualquer contexto. A documentação que Zelic organizou e disponibilizou com ajuda de toda a sua equipe reuniu relatos nefastos de violências mil, roubo de terras e torturas nojentas, mas que ajudou e ajuda hasta hoy em trabalhos acadêmicos e na luta indigenista por mais justiça e demarcação de terras. Muito obrigada Zelic por tanto amor, luta e ensinamentos. Que perda gigantesca, mas você abriu caminhos para mais justiça, verdade e memória. Que a gente mantenha a sua memória viva.

Isabella Hisgail D'Aquino

Com muito pesar recebemos a notícia da passagem do Zelic. Uma perda muito grande nesse momento que o Brasil voltou. No último encontro com ele, no dia 28 de abril, veio ao meu encontro, me abraçou chorando muito e dizia: *“Eu vivi e vi em vida o governo brasileiro anunciar a reparação histórica do povo Avá Guarani, eu vi em seu anúncio a memória, verdade e justiça, eu vi”*. Não tem como não chorar. Mas também agradecer por todos os encaminhamentos que Marcelo fez dentro do Ministério dos Povos Indígenas. Eu sempre pensava que ele tinha muita pressa, mas hoje entendo a pressa para continuarmos por aqui, trabalhando essas memórias, as verdades e a justiça. Muito obrigado, Marcelo, por me orientar. Que você faça uma linda passagem, com certeza Nhanduru vai te receber em seus braços. Seguimos com o compromisso de levar essa missão na prática e na emergência, com a pressa que você sempre teve e com a mesma alegria e responsabilidade.

Kerexu

Hoje se foi Marcelo Zelic. Um cara assim não morre de verdade, fica na nossa cabeça martelando, no nosso coração acalentando, nos entretendo e transformando com seu legado histórico, coletivo e singular. Eu lembro dele no dia do julgamento da ADPF 153 em frente ao STF, expondo fotos e cartazes sobre as pessoas desaparecidas e assassinadas na ditadura. Era praticamente só ele ali, na solidão de um país sem memória, mas na intensidade de quem vive a história do seu povo e do seu país sob o signo da verdade e da justiça. E o que dizer da sua contribuição para nosso acervo documental, para tornar visível e indispensável a questão indígena na justiça de transição? Hoje estamos de luto. Mais um bravo para o panteão das lutas indispensáveis do nosso Brasil. Marcelo Zelic presente! Agora e sempre!

Zeca Moreira

Dia de partida ancestralizou o pesquisador Marcelo Zelic, defensor dos povos indígenas, ele deixa milhões de páginas de documentos sobre o genocídio indígena. Que possamos ter mais irmãos de luta como você!

Ingrid Sateré Mawé



Cena do filme “Orestes”, de Rodrigo Siqueira (2015).

Hoje perdemos Marcelo Zelic, pesquisador, ativista e memorialista dos Direitos Humanos. Um grande cara, uma grande perda. Parceiro e amigo que me ajudou tanto na feitura do meu filme Orestes. Além de me ajudar a elaborar várias passagens do filme, teve participação fundamental ao representar o papel de Cabo Anselmo. No palco de um teatro em ruínas, emprestou seu talento para desnudar a dissimulação de um torturador covarde. Obrigado, Marcelo, seguimos na luta! À família e amigos, um abraço forte.

Rodrigo Siqueira

Perdemos um grande amigo e parceiro de lutas. Grande Marcelo Zelic, foi bom te ver durante o Acampamento Terra Livre 2023. Conversamos, rimos e planejamos alguns trabalhos em prol dos povos indígenas de Roraima. Sempre lembraremos de você. E continuaremos lutando.

Ivo Cípio Makuxi

Quando comecei a estudar as violências cometidas contra as populações indígenas na ditadura — as mesmas desde o XIV — recorri sempre ao trabalho de Marcelo Zelic, antes e depois da CNV. Generoso, comprometido, sem sossego. Uma grande perda pra luta. Marcelo Zelic, militante da memória, nos deixa um legado de luta pela verdade e pela justiça.

Marília Bonas

Marcelo Zelic: grande alma! Pessoa suave, poeta, ativista de direitos humanos e direitos indígenas. Encantou-se. Foi ser luz em outra esfera para onde enviamos nossa gratidão e reverência eterna.

Sandra Kariri-Tibete

Uma despedida que me enche de tristeza. Marcelo Zelic foi um gigante na luta por memória, verdade, justiça e reparação. O resultado da Comissão Nacional da Verdade com o retrato das violações contra os indígenas também é fruto da luta dele!

Nadine Borges

O falecimento do Marcelo Zelic nos lembra que estar ao lado dos povos indígenas na luta por direitos é algo a ser feito com beleza e força, assim como foi a trajetória dele. Zelic presente.

Diógenes Cariaga

Partiu deste mundo um gigante com um trabalho sem igual. Entre tantas coisas, o Marcelo Zelic fez muito organizando, revelando e disponibilizando, através do Armazém Memória, documentos essenciais para trazer justiça aos excluídos. Que triste que teremos que seguir sem ele!

Stephano Wroblewski

Sobre Marcelo Zelic

No dia 31 de março de 2023, Marcelo Zelic atravessou parte da plenária da Assembleia Legislativa do Pará em minha direção. Estava com uma inacreditavelmente cafona pochete que me fez sorrir. Me deu um abraço e falou baixinho: “*con-seguimos*”. E seus olhos umedeceram num choro suave e emocionado. Foi um abraço rápido, mas cheio de significados. Um tempo depois estávamos lado a lado no púlpito da ALEPA explicando um pouco sobre a obra que era nosso motivo de estar ali: os três tomos do Relatório da Comissão da Verdade do Pará.

Marcelo Zelic morreu hoje, no dia 08 de maio de 2023, vitimado pelas consequências de um AVC, o quarto. Sobrevivera a três. Este lhe foi fatal. Angelina Anjos nos deu a notícia no grupo que mantivemos ao longo dos últimos anos para discutir as temáticas e resoluções dos trabalhos relacionados aos livros da Comissão da Verdade.

Respirei fundo. Em casa tocava uma canção nordestina chamada ‘Sete Dias’,

de Henrique Cartaxo, que exala melancolia. Saí para sentar no banco da praça aqui ao lado, observando um casal de passarinhos construir um ninho numa pequena árvore. Uma tarde absurdamente bela me abraçava.

Zelic me foi apresentado por outra pessoa que se foi. Paulinho Fonteles. Quando me falou sobre ele a primeira vez, Paulinho era todo entusiasmo. No Instituto Paulo Fonteles me mostrava os arquivos do Armazém Memória, a hemeroteca viciante que Zelic havia disponibilizado. Um trabalho que merecia e merece todas as reverências possíveis.

(...) Zelic foi fundamental nos dois, três anos de discussões sobre o relatório da Comissão da Verdade, quando ficávamos os quatro — Angelina e Marco Apolo, além de nós — tentando organizar o quase não organizável material que tínhamos à mão para trabalhar. Era ele quem indicava os caminhos que deveríamos percorrer, já calejado por experiências similares ante-

riores. Era didático e paciente, com sua voz rouca de cigarros.

Tinha uma preocupação maior com a questão indígena. Era seu ponto de maior inflexão. Um dia chegou a me convidar para bolarmos algo a partir de tanto material que possuía sobre o tema. Os atropelos das demandas não nos permitiram seguir adiante.

(...) Depois do lançamento, almoçamos olhando o Rio Guamá, ele não querendo ficar nem um momento sequer distante de seus exemplares. Havia sido homenageado com uma comenda na ALEPA. E como isso foi importante, pensando agora.

De noite fomos ao The Beatles e ele se encantou com o lugar. Fez diversas imagens e comentários sobre o lugar. E numa nem um pouco criativa ideia, fomos tentar reproduzir a famosa travessia de rua do Fab Four. Foi uma noite agradável a não mais poder e que ficará na memória como um momento único, percebo agora, em mais uma daquelas lições de que viver cada instante e apreciá-lo como único é cada vez mais fundamental.

(...) Quando me abraçou na ALEPA e chorou brevemente no meu ombro, eu apenas repeti: 'consequimos, companheiro'. Deveria ter agradecido mais enfaticamente talvez. Mas Zelic sabia seu lugar no mundo, sem precisar gritar por isso ou tentar forçar portas e janelas.

Dia desses o vi na televisão em um filme que falava sobre a ditadura. O ator Marcelo Zelic, ainda gordo, me fez rir muito, mas de alegria. Fiz uma foto da tela e mandei a ele. Me passou um áudio explicando pacientemente o trabalho tim-tim por tim-tim. Assim era o Zelic. Que consigamos sempre honrar sua memória.

Ismael Machado





Marcelo Zelic, que os encantados te recebam.

Nunca imaginei que a entrevista que realizamos com você na sexta passada fosse a última. Falou da importância da criação da Comissão Indígena da Verdade e tantas coisas, tantas. Não tenho palavras para a eterna gratidão por todo seu trabalho, tudo que você fez pela memória e verdade, todos os crimes da ditadura contra os povos indígenas que tornou público em um trabalho incansável. Horas e horas, dias e dias, noites e noites, madrugadas, como outros que se juntaram com você nesta jornada. Talvez grande parte das pessoas não tenha dimensão de quantas vidas estão envolvidas no trabalho que você realizou.

Sua existência fez uma diferença enorme na vida de muitos de nós e fará ainda na vida de muitas pessoas. Eternamente

grata toda atenção que deu às populações indígenas. Lembro quando na Aldeia Bananal nos encontramos por acaso durante o recolhimento de depoimentos do Povo Terena uns anos atrás, e você falou do desejo de ouvir a população Tupinambá na Bahia, e com muita atenção foi ao território, recolher depoimentos. Lembro de todas as vezes que encontrava documentos importantes para povos de diferentes lugares e sempre buscava repassar para ajudar em processos de demarcação de terras. Eram muitas as vezes que surgia com documentos. Lembro das conversas e tantas coisas. Boas memórias e em todas elas você estava se esforçando para que os documentos fossem usados para ajudar as pessoas.

O incrível Armazém Memória é um dos projetos mais importantes que conheço de digitalização no Brasil, todo acervo digitalizado por você. Você foi um guerreiro incansável, corajoso.

Gratidão por tanto, Marcelo.

Muita luz para você e toda sua família.

Renata Tupinambá

Gente, estou sem acreditar! Só vem os risos e as palavras de esperar das nossas conversas na semana do ATL. Éramos tantas expectativas, mas vamos dar continuidade nesse projeto lindo que o Marcelo dedicou toda sua vida. Somos muito gratos por essa soma na luta nossa dos povos indígenas. Vai em paz Marcelo, você está vivo em nós.

Juh Tupinambá

Triste, eu estava no Acampamento Terra Livre com ele. Pediu para falar na tenda deles, aí veio chuva e muita chuva. Última vez que vi, estava feliz que os Awa Canoeiro conseguiram demarcar suas terras. Estava falando sobre eles.

Ara Rete

Marcelo Zelic, muito obrigado por tudo que você fez pelo povo indígena. Obrigado pelo seu trabalho de pesquisa e organização do Armazém Memória. Seu trabalho vai ficar pra sempre, e você será eterno nos nossos corações.

Teodora Souza



Que triste a notícia da partida do meu amigo e camarada anarco-comuna Marcelo Zelic, do PCCPC, “*Partido Comunista Comunista Pra Car...*”, como ele me falava. Eu o conheci no encontro dos comitês da rede memória, verdade e justiça da sociedade civil com a Comissão Nacional da Verdade (CNV), em São Paulo-SP, em 2013, através de Angelina Di Angelis e de outro saudoso, Paulo Fonteles Filho, que aparece sendo filmado por ele numa foto que tirei e que está no mosaico acima.

Ele, ex-vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais de SP, junto com Paulinho Fonteles, chamou-nos a atenção para as graves violações de direitos humanos

contra os povos indígenas no período de 1946 a 1988. Zelic, que mantinha o Armazém Memória, já havia descoberto o Relatório Figueiredo no Museu do Índio, documento que ajudou muito na apuração dos crimes cometidos pelo Estado ou com a complacência do Estado no período objeto das investigações da CNV. Contribuiu decisivamente para que as violações contra 8.350 indígenas integrassem o relatório final da CNV. Esteve em Mato Grosso do Sul várias vezes. Zelic era um pesquisador e um lutador incansável pela memória. Um amigo dos povos indígenas do Brasil. Quis o destino que a notícia chegasse justo quando eu acompanhava a Dra. Adriana Rocha, em nome da coordenação nacional da ADJC Nacional, em um encontro com a subsecretária-geral da ONU e conselheira especial de prevenção ao genocídio, a queniana Sra. Alice Wairimu Nderitu, justamente para tratar da situação dos povos indígenas no Brasil, missão diplomática do escritório que chefia na ONU. Na oportunidade, o amigo Flávio, do Cimi, rendeu homenagem ao grande Marcelo Zelic. Até sempre, meu amigo e camarada do PCCPC! A saudade já é gigante!

Mario Fonseca

Uma pessoa cheia de energia, sempre disposta a contribuir com os movimentos sociais. Conheci no MST, depois reencontrei no Brasil Nunca Mais Digital. Um lutador!

Máira Kubik Mano

Infelizmente não consegui estar em corpo com vocês no momento, mas queria deixar meu abraço e minha homenagem ao Marcelo, que foi um cara foda, cujo trabalho eu conheci antes mesmo de conhecer você e que sempre será lembrado por sua luta e por seu carisma. Tenho certeza que ele amava muito e tinha muito orgulho de vocês. Sou grato por ter compartilhado alguns momentos com ele e por conhecer todos vocês. Que o tempo ajude a não esquecer, mas a conviver com essa perda.

Felipe Figueiredo

Marcelo é desses que reinventam o horizonte e iluminam o caminho. Que soprem os bons ventos na sua passagem.

Tenille Bezerra

Eu conheci o Marcelo antes de conhecer a Helena. Quando soube que Helena era filha do Marcelo foi um sentimento de alegria, porque Marcelo era esse lutador comprometido com a vida, a memória e luta da classe trabalhadora, e educou esta filha maravilhosa e lutadora. Marcelo presente, agora e sempre. Um abraço solidário a você e à família e a todas as companheiras e companheiros que hoje vivem está dura perda.

Meus sentimentos, perder um pai é muito duro, e um pai como Marcelo, um lutador de primeira hora, comprometido com valores de solidariedade, justiça, igualdade. Marcelo agora é estrela! Um abraço forte.

Sônia Coelho

Marcelo Zelic nos deixou, e todos deveríamos saber que perdemos um dos grandes. Nesta trincheira já tão difícil de habitar. Sou imensamente grata pelo legado que ele nos deixou. A luta pela memória das atrocidades da ditadura contra os indígenas não seria a mesma sem ele.

Luísa Molina



Querido Julio, estou chorando muito aqui, me lembrando do Marcelo, que sempre me tratou com enorme carinho. A gente entende melhor os alunos por quem temos uma afinidade quando conhecemos os pais. Ter conversado longamente com ele na sua casa, com o Chico e junto com sua mãe e sua irmã foi uma coisa maravilhosa que sempre quis repetir. Uma honra ter ouvido dele sobre o Armazém, rido com ele e me sentido em casa. Te mando um abraço muito apertado hoje. Saudades e carinho! Manda um beijo pra sua mãe também.

Mauro Pontes

Oi, Helena. sinta-se abraçada. Enquanto eu esperava por um minuto pra mandar uma mensagem de força pro Marcelo, recebi sua mensagem sobre a passagem dele. Tudo que você disse sobre ele é pura verdade e sou testemunha daquilo que ele tornou público. Tínhamos uma entrevista a ser realizada que infelizmente não deu tempo de fazer. Sinta-se abraçada. O Marcelo fará muita falta, mas nos lega compromisso. Manteremos ele vivo em tudo que realizarmos. Abraço apertado!

Ruivo Lopes

Um amigo querido, professor e colega ao mesmo tempo, tudo junto agora e sempre. Comissão Nacional Indígena da Verdade Marcelo Zelic e Marcos Verón — minha proposta para nome da comissão.

Barbara Arisi

Ele fez mais em defesa da memória nacional e dos direitos dos povos indígenas do que muitos pesquisadores da academia jamais farão. Sabia de onde veio, quem era, ao lado de quem caminharia e para onde deveria ir. Marcelo Zelic presente!

Jorge Eremites de Oliveira

Falei com ele 2 dias antes. Ele queria garantir que as 29 recomendações da Comissão Nacional da Verdade incorporassem as 13 sobre indígenas (concordo inteiramente). Temia que ficassem em segundo plano. Pode ir em paz, Marcelo. Não ficarão, guerreiro. Seu pai é fera, Helena e Julio.

Nilmaro Miranda

Muita tristeza. Contribuiu até a última semana de sua vida organizando as memórias e estava animado para retomar a Comissão Nacional da Verdade. Nossos sentimentos aos familiares.

Teodora

Depois de usar inúmeras vezes o arquivo do Armazém Memória, há poucos dias tive a oportunidade de ver presencialmente pela primeira vez Marcelo Zelic. A sua partida é uma perda irreparável para todos e todas que lutam por memória, verdade e justiça. Marcelo presente!

Rodrigo Wallace

Vá em paz, irmão, pega esse barco para o outro lado do rio. Lá, os familiares por laços eternos te esperam. Essa transição sacode um pouco, mas tudo vai ficar bem. Obrigado pelo seu exemplo e trabalho. Um abraço fraterno.

Paulo Lugon Arantes

Muito, muito triste a morte de Marcelo e uma grande perda pela luta dos Direitos Humanos e principalmente pelos povos originários. Precisamos continuar sua luta, pois as maiores violações dos direitos humanos são cometidas contra os povos indígenas, principalmente com as invasões criminosas do garimpo ilegal poluindo os rios, queima das florestas, pondo em risco a vida dos mesmos, inclusive desrespeitando a cultura e seus costumes ancestrais. Precisamos implementar nas escolas a Lei 11645 que valoriza a história e cultura dos povos indígenas e do povo negro. Marcelo sempre estará presente em nossos corações e nos inspirando a continuar sua luta e a nossa militância política. Marcelo Zelic presente!

Regina Maria Lintz Funari

Sinto muito. Agradeço por seu trabalho e por ser tão querido por minhas amigas, irmãs. Paz e conforto em seus corações, Paula, Maura, Laura, Helena, Julio, e todos os parentes, amigos e admiradores do seu trabalho e de sua pessoa. Viva o Marcelo Zelic!

Anay dos Anjos

Trabalhamos juntos no Projeto Memórias Reveladas. Uma pessoa maravilhosa que sempre lutou pelos direitos humanos. Vai fazer muita falta!

Chica Pompeu

Que sua memória seja preservada com dignidade.

Amelinha Teles



Uma tristeza se abate quando se sabe que o muito do que se gargalhou, ouviu, aprendeu, compartilhou, almoçou, jantou, tomou café da tarde, segredou e viveu, ainda foi muito pouco para o muito que ainda podia se ter. Saudade já imensa. Um gigante! Grupo Tortura Nunca Mais, DHNet, Armazem Memória, Relatório Figueiredo... Um dos caras que mais entendia sobre esse Brasil que ainda engatinha em se conhecer de fato. Lembro-me daquela noite no pico do Jaraguá amanhecendo, aquele mar de nuvens acobertando São Paulo, na ocupação Guarani no topo do mundo. Quando você se vê ao lado desses mestres, você sabe que está do lado certo da história. Zeliqeueeeê, uma honra o pouco tempo que estivemos por perto. Máximo máximo máximo respeito! RIP Marcelo Zelic... a toda família que sempre me acolheu, agradeço muito. Tamo junto, de verdade!

Foto tirada na saudosa sede do Barão de Itararé na rua Rego Freitas, tudo é saudades. Marcelo Zelic presente.

Sato do Brasil

Querido Marcelo, em algum lugar você vai ouvir essas palavras. Só tenho boas lembranças de você desde que entrou na nossa vida há alguns anos, na vida dos apoiadores dos Avá Canoeiro do Araguaia, um dos grupos indígenas mais sofridos do Brasil. Desde o primeiro minuto que você ouviu falar dessa história, você se solidarizou de corpo e alma como se fosse um sofrimento seu, da sua própria família.

Deu grandes ideias e colocou em prática ações de reparação que muito contribuíram para essa causa. A causa dos esquecidos, dos invisíveis que só aqueles de grande coração, empatia e compaixão sabem enxergar e se mobilizar a respeito. Grande guerreiro de luz, você será recebido com as honras que merece seja lá onde estiver agora.

Os povos indígenas e o Brasil perderam um grande aliado, mas o seu legado permanece entre nós e frutificará. Que você fique em paz onde quer que esteja, a nossa saudade é grande.

Patricia Mendonça

Essa noite sonhei que chegava na frente de onde ficava o espaço do Tortura Nunca Mais e muita gente tava lá se reunindo com bandeiras vermelhas pra fazer um ato em homenagem ao Marcelo, tinha até uma banca vendendo várias camisetas com o rosto dele, tinham feito também uma música que cantavam e batucavam, prontos pra sair em direção à Paulista. As pessoas estavam emocionadas, mas alegres, foi um sonho bonito. Acordei com um sentimento gigante de gratidão porque caiu a ficha do tanto que ele ensinou a gente a viver e a vibrar coletivamente.

Nunca vou esquecer quando a gente perdeu em 2018, e estávamos lá amontoadinhos como sempre, chorando chorando, e o Marcelo chegou e falou que não era hora de achar que era o fim do mundo não, que a gente já tinha passado por coisas piores e era pra manter a esperança, e depois saía lá pro barracão pra xingar deus e o mundo. Nessa hora ele sabia muito mais que a gente do que tava por vir e mesmo assim nos acalmava.

Ontem, na meia hora de análise que consegui fazer antes de encontrar vocês no hospital, o Lucas me disse: “*entendo a sua dor, ele foi como um professor pra vocês,*

não é?”. Na hora não entendi direito não, mas agora, depois desse sonho, sei que sim. Marcelo ensinou pra gente uma das coisas mais importantes que existem: a sempre pensar no coletivo com o coletivo e nunca desistir de lutar.

Luísa Caron

Marcelo Zelic, uma das pessoas mais incríveis que tive a sorte de conhecer. Nos ensinou muito e ensinará para sempre. Essa risada que vai estar sempre ecoando para não deixar a gente abaixar a cabeça. O Marcelo é um amigo querido que a gente sempre vai tentar honrar, porque foi determinante para todos. Viva o Marcelo, sua força e sua memória. Marcelo Zelic presente!

Amanda Sammour

Marcelo será guardado com muito carinho na memória por todos nós, e por todo mundo que ele atravessou. Não tive tanta proximidade nos últimos anos, mas o suficiente pra criar essa admiração e carinho tão enormes, enormes.

Ana Júlia Gomes

Perder uma vida tão grande e tão rica quanto a do Marcelo é algo que nem tem nome pra dar. Te amo muito e tô aqui pra passar essa dor contigo e pra dar muitos abraços sempre que doer, e também pra lembrar dele de um jeito gostoso e bonito quando a dor passar.

Laura Viana

Amamos muito vocês, o Marcelo, essa família linda. Que legado absurdo que esse homem vai deixar, que passagem incrível pelo planeta Terra. Um meteoro movido à militância! Um beijo.

Letícia Oliver

Difícil demais saber o que falar nesse momento. Marcelo foi muito, muito, muito importante pra mim e tenho certeza que pra todo mundo que o conheceu. Ele segue vivo com a gente daqui pra frente. Amo muito, muito, muito essa família e sou muito grata por como fui sempre acolhida na casa.

Larissa Brandão

O Marcelo foi e sempre será uma pessoa incrível. Nós vamos sempre preservar a memória de quanto ele foi bom pra gente e pro mundo.

Heleni Andrade

O Marcelo foi uma pessoa muito especial e muito querida. Qualquer coisa que precisar estou por aqui. Amo muito vocês.

Tiago Nunes

Marcelo foi uma pessoa incrível demais nesse mundo, eu me sinto privilegiada demais de ter conhecido ele. Agradeço por toda a convivência e a conversa com toda essa vida e alegria que foi o Marcelo. A gente continua também, na alegria e na memória viva, na luta que ele sempre foi até o fim. O tempo que vivi dos finais de semana na sua casa foram muito melhores com o tempo que passei ali na casinha conversando com ele, um período importante e muito feliz, com memórias muito boas e aprendizados gigantes.

Clara Biondo

Sempre achei essa família incrível e tenho muito carinho. Admirava muito o Marcelo, de verdade. Muita força pra vocês, o legado dele é visível, isso fica pra sempre.

Giulia Castro

Marcelo foi uma pessoa incrível, uma das maiores que tive a honra de conhecer. Me acolheu como família e acolhia a tantos com um carinho e alegria contagiantes. Foi, é e continuará sendo pra mim uma das principais referências como pessoa, homem, pai e luta por justiça e memória. Um guerreiro incansável de uma energia e comoção marcantes para todos que cruzavam seu caminho. Esse guerreiro que lutou com tanta energia por memória e justiça, nos deixa em vida mas a sua memória agora vai seguir viva dentro do meu e de outros tantos corações que ele cativou. Muito obrigado por tudo Marcelo, vá em paz.

Ive Rebelo



Marcelo Zelic foi se encontrar com Topê! Que o Grande Criador o receba! Marcelo nos deixa o Armazém Memória com fotos, vídeos, documentos históricos como o Relatório Figueiredo que ele encontrou no Museu do Índio em uma de suas constantes buscas por documentos que provam os crimes de tutela, como ele chamava as violações de direitos praticadas pelo Estado e seus prepostos contra os povos indígenas. A busca pela justiça de transição, por reparação para cada povo indígena e pela criação de mecanismos de não repetição das violações sofridas foi uma batalha incansável do Marcelo Zelic e nós honraremos seu trabalho e sua memória! Vai em paz grande guerreiro: sua luta continua em nós!

Recebam a solidariedade do povo Kaingang pela partida do Marcelo! Que o Espírito Santo derrame bálsamo no coração de toda a família!

Fernanda Kaingang



Meu amigo, guia do compromisso com os povos originários, Marcelo Zelic, na noite do dia 31/03, comemoramos o Relatório Paulo Fonteles Filho. - Angelina Anjos

Eu não tenho palavras pra dizer o significado do Zelic em minha vida. Foi sempre com ele que pude sentir firmeza nas pesquisas e nos dias que parecia impossível concluir a tarefa da CEV. Estou como quem perde o pai, a confiança que foi nosso alicerce e nos possibilitou grandes feitos. Nos dias que estive aqui, me recomendou tantas coisas, disse que ficava feliz com o meu olhar novamente comprometido com minha própria vida. Estou arrasada, impactada, abalada. A gente tinha muitas coisas pra fazer. No dia que fomos deixá-lo no aeroporto tive uma crise de choro, voltei o caminho pra casa todo chorando, ele tinha falado da Fernanda Kaingang, que é uma das pessoas que continuará o Armazém Memória, nos colocou em contato, e disse que qualquer dia podia não estar mais com a gente porque tinha a saúde debilitada pelos 3 AVCs que havia sofrido. Eu senti que não teria a festa de aniversário

que a gente combinou em comemorar. Eu não consigo dizer o quanto significa pra mim. Estou muito triste.

Angelina Anjos

Da partida, ficam as fotos e os vídeos. A memória e a certeza que vale a pena viver: vi isso nos olhos e no jeito de Marcelo de ser, no pouco que pude conviver. Eternamente em seu coração e na luta por um outro mundo. Mundo possível, mundo em que a partilha é o centro de tudo, como ele lutou para ser.

Renata Reis

Marcelo Zelic era apaixonado por tudo que fazia. Armazém Memória, Tortura Nunca Mais, Comissão da Verdade etc. Marcelo era um cara ativo demais, uma outra paixão dele era Rádios Comunitárias. Era um dos maiores entusiastas de nossa rede de rádios. Viajamos algumas vezes pra Brasília. Certa vez numa das marchas do MST colocamos um transmissor de rádio no caminhão durante toda a marcha. Não tem como não admirar Oscar Niemeyer quando olhamos Brasília. Ao vermos Brasília do alto de um caminhão de som, eu e Marcelo conversávamos sobre a beleza da cidade. Marcelo com seu jeito divertido comenta: “Jerry, já pensou um milharal nesta esplanada? Ficaria mais linda ainda”. Este era Zelic. Um cara que vai fazer falta. Depois conto outro caso que aconteceu entre eu, ele e Zé Celso Martinez, foi hilário também.

Jerry de Oliveira



Faleceu hoje o grande Marcelo Zelic. Pesquisador de enorme qualidade e incansável lutador pelos direitos humanos. É um dos grandes responsáveis pela amplificação do debate público sobre as violações da ditadura militar contra os povos indígenas, bem como pela inclusão do tema no relatório da Comissão da Verdade. Que seu exemplo siga nos orientando na luta por memória, verdade, justiça e reparação por todas as violências do Estado brasileiro. Luta que só tem sentido, como ele fazia questão de reafirmar, se objetivar a não repetição dessas violências no presente. Marcelo Zelic presente!

Lucas Pedretti

Zelic foi um grande lutador em defesa dos direitos humanos e preservação da memória, sendo nos últimos anos referência contra o apagamento das violações aos povos indígenas. Grande lembranças dele no Grupo Tortura Nunca Mais.

Thiago Prosa

Zelic foi uma referência na militância. Mesmo de forma talvez pouco visível, foi muito importante pro MPL-SP, sempre disposto a nos apoiar no que fosse necessário, cedendo a sede do Tortura Nunca Mais pra usarmos de base, indo buscar a gente na delegacia de madrugada, entre tantas coisas. Foi mais importante ainda na luta indigenista, atuando pelo direito à memória, justiça e reparação pelos crimes cometidos contra os povos indígenas durante a ditadura. Que perda tremenda. Sigamos e mantenhamos vivos seu trabalho e sua memória.

Breno Zunica

No puedo creerlo. Éramos amigos. Soy uruguayo. Nos vimos el año pasado en Sao Paulo.

Iara Bermudez

Grande defensor dos direitos humanos, vai fazer muita falta.

Paulo Sergio Pinheiro

Comissão Nacional da Verdade

Marcelo Zelic presente!

Com Zelic se vai, para nós historiadores, o grande descobridor do Relatório Figueiredo — apuração do ex-Procurador da República Jader Figueiredo que ele localizou perdido no Museu Nacional do Índio e que documenta o genocídio indígena cometido pelo extinto SPI e pela FUNAI, como política de Estado, em benefício de grupos empresariais e militares que nunca deixaram de (des) mandar neste país. Com Zelic se vai, para os povos indígenas, o grande aliado de suas lutas por justiça, memória, verdade e reparação. Aos 8 de maio de 2023, encantou-se o grande responsável, ao lado de seus amigos e lutadores do Grupo Tortura Nunca Mais, pela inclusão na Comissão Nacional da Verdade (CNV) das agressões aos povos indígenas cometidas pela última ditadura brasileira, restando demonstrado, então, que mais de 8 mil indígenas foram mortos pela política econômica daquele período. E é

graças a Zelic que permanecem, com seu Armazém Memória, as bases e as sementes que frutificarão, oxalá, em uma robusta Comissão Nacional Indígena da Verdade (CNIV). Levá-la adiante agora e já, com a participação ativa dos povos indígenas agredidos em seus direitos humanos pela ditadura militar e seus parceiros econômicos, será a melhor homenagem que faremos a ele, entusiasta até quando pode dessa empreitada urgente e necessária. Só assim estaremos à altura de honrá-lo, para que Zelic permaneça sempre entre nós, sua pessoa e sua obra, frutificando nossas lutas, sonhos e vidas. Seu legado vive em cada um de nós, brasileiros indígenas e não-indígenas, comprometidos com a luta contra a ditadura empresarial-militar de ontem e, em especial, contra suas continuidades de hoje, tão gritantes especialmente contra os povos indígenas. Ainda, todo o Brasil deve a Zelic o reconhecimento — fartamente documentado

— de que o genocídio indígena foi a maior obra do terrorismo de Estado da nossa sicária ditadura, bem como o alerta — amplamente divulgado por ele — de que a assim chamada democracia não deixou de gestá-lo em seu ventre na perseguição de “grandes” projetos de “desenvolvimento”. Por Zelic, por nós e pelos povos originários do Brasil, é preciso criar uma Comissão Nacional Indígena da Verdade e, a partir dela, mecanismos democráticos para a não repetição do genocídio indígena, como bradou incansavelmente aos quatro ventos. Se o Brasil tem um enorme passado pela frente, graças a Zelic poderemos enfrentá-lo em busca de um outro país, capaz de reconhecer em seu seio a riqueza, as lutas e a multiversidade dos modos de ser e viver dos povos indígenas, nossa grande riqueza humana.

Rodolfo Costa Machado



Meu querido amigo Marcelo Zelic partiu hoje aos 59 anos. Teve um forte AVC na sexta e não resistiu. Já liguei para a Paula Capriglione, sua companheira, para dar um abraço, e nos filhos Helena e Julio.

Militante em defesa dos direitos humanos, dedicava-se atualmente à luta em defesa da população indígena. Pessoa simples, animada, convencida com sua argumentação firme seus interlocutores. Sempre procurou, coerente, colocar em vida o que defendia em pensamento.

Eu o conheci nos anos 80, quando ele abandonou o seminário dos franciscanos, depois também de abandonar o curso de jornalismo — ele me dizia que aprendeu que para ser jornalista não precisava de curso universitário — e estava vivendo com moradores de rua. Fomos juntos para Rondônia, em 1986, visitar minha família que tinha migrado para lá.

O dinheiro da viagem ele conseguiu de um prêmio de concurso literário que ganhou da Arquidiocese de São Paulo. Até hoje minhas irmãs e irmãos têm boas lembranças dele. Depois, foi morar na favela de Interlagos com um amigo.

Foi dele a ideia de eu ir para a Nicarágua colher café em 1987 e quase fomos juntos, no ano seguinte, para a Colômbia, projeto interrompido por um acidente de carro que ele sofreu. Ele começou a frequentar a Cohab I e nos incentivou a trabalhar com projetos de comunicação popular e foi daí que fundamos, eu e um grupo de jovens da Igreja Católica da Cohab I, o jornal de bairro O Bloco.

Eu o reencontrei tempos depois, dono de uma lanchonete na Av. Paulista, se casou com a Paula com quem teve os filhos e com quem viveu até hoje. Voltamos a nossa parceria quando eu já era deputado e ele, na Comissão Justiça e Paz, denunciou a existência de torturadores da Ditadura Militar em cargos no governo do PSDB. Trabalhamos juntos na digitalização do acervo do Centro Pastoral Vergueiro para guardar a memória das lutas populares, numa plataforma que ele criou, o Armazém Memória. Trabalhou em muitos outros projetos de pesquisas, o principal talvez foi o que incluiu no relatório da Comissão da Verdade as violências da Ditadura contra as populações indígenas.





Além de todas essas afinidades seletivas, éramos palmeirenses. Marcelo era uma pessoa amável que dedicou sua Vida à militância por uma sociedade justa, fraterna, igualitária e democrática. Vai nos deixar somente essas boas memórias que vamos reverenciar eternamente.

Vá em paz Marcelo e obrigado por ter passado pelas nossas vidas de forma tão marcante!

Simão Pedro
Deputado Estadual PT-SP



Marcelo Zelic foi peça fundamental no levantamento dos dados do Relatório Figueiredo, primeiro por encontrá-lo após décadas de “desaparecimento” e, também, por dar continuidade nas pesquisas sobre esse período tão obscuro. Um dos maiores pesquisadores sobre os povos indígenas da atualidade, principalmente no período da Ditadura Militar, nos deixou. Em 2014, participamos no documentário sobre as Cadeias Indígenas (produzido pelo Instituto Vladimir Herzog) e tive a oportunidade de conhecer e continuar acompanhando o seu trabalho ao longo de quase 10 anos. Uma perda irreparável para pesquisa, mas que estimulou o surgimento de diversos simpatizantes, pesquisadores, dissertações e teses sobre o tema. Zelic partiu e se juntou aos ancestrais. Descanse em paz, amigo.

Marcos Barreto

Toda a nação indígena sente a perda deste grande pai, irmão e guerreiro! Meus sentimentos à família, em nome de Kretã Kaingang, nosso território estará a disposição!

Isabel Tukana

Tristeza a partida de Marcelo Zelic, pesquisador responsável pelo Armazém Memória, um dos mais representativos acervos online sobre os povos originários. Companheiro de Paula Capriglione, pai da Helena Zelic e do Julio, cunhado da Laura Capriglione; em suma, um cara com uma família que é próxima a mim como podem ser famílias que partilham as mesmas lutas e mesmas dores.

Última vez que o vi foi num almoço na casa dele e da Paula, onde comi uma galinhada com pequi, memorável, numa cozinha em tudo acolhedora. A cozinheira era uma amiga de Paula e Marcelo, que estava decidindo sair de São Paulo. Discutiu-se política, é claro, pois isso foi em novembro de 2022, depois de nossa vitória (nossa, do Brasil e da democracia) nas urnas. Teve bolo e alegria.

É assim que vou me lembrar dele, numa tarde de sol, lavando louça, cuidando dos convidados e sendo generoso com o que sabia e pensava.

Bia Abramo

Agora você é memória, com tudo que isso significa para a luta e os afetos.

Sérgio Souza

Marcelo incansável, Marcelo genial. Vá em paz, querido!

Carla Borges

Gostava muito do Marcelo. Estou bastante mexida. Ele deixa um grande legado. Ele me ajudou muito e foi sempre tão generoso. Qualquer forma que eu possa retribuir, contem comigo. Vamos homenageá-lo com certeza. Vamos seguir sua luta. Muitas sementes, muitas.

Bianca Comparato

Marcelo, a autenticidade e alegria da sua personalidade vão estar sempre presentes em nossos corações e memórias.

Luana Laranjeira



Hoje o dia se fez triste. Vou guardar a lembrança do amigo anarquista revolucionário. Uma pessoa sensível e criativa, que sempre incentivou a busca por novas experiências da comunicação popular, da luta pela terra, da luta pela verdade e da justiça, sem nunca esquecer de nos ensinar a levar a vida com leveza. Lembro de quando você foi a Brasília e me falou da ideia do Armazém Memória. Era ainda um projeto, mas super inovador de recuperar nossa memória através das imagens, das lutas e dos documentos de uma geração que fez história da esquerda do nosso país. E hoje o Armazém Memória é um espaço efetivo de acesso à memória do Brasil.

Adeus Marcelo Zelic, obrigado por ter feito parte das nossas vidas.

Renata Leite



Ainda bem jovem esteve conosco, um bom tempo, no Sindicato dos Queixadas, nos ajudando e participando ativamente de nossas lutas. Que Deus o tenha meu companheiro, amigo e, como disse o Neto: bandeiras ao alto para Marcelo!

Sidney Fernandes Cruz

Tive o prazer de falar com ele dias atrás sobre um documento que lhe forneci para o site. Semana passada, enviei outro. Ele leu minha mensagem, mas infelizmente não pode responder. Quero registrar o legado extraordinário que o senhor Marcelo nos deixa. Devemos honrá-lo, honrar a memória dele, dando continuidade à sua luta e ao seu belo trabalho. Farei menção a ele na minha dissertação de mestrado. A minha fonte principal de pesquisa, que é a revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, eu descobri no Armazém Memória. Muito obrigado, senhor Marcelo! Continuaremos seu trabalho! Marcelo Zelic, presente!

Vitor

Paula querida! Aqui somos Mari e Martin, de Brasília. Foi em nossa casa que Marcelo nos brindou sua presença no ATL 2023. Ele estava muito feliz e fazendo planos para a criação da Comissão Indígena da Verdade. Marcelo era um amigo precioso! Estará sempre presente conosco! A saudade já é grande! Um abraço amoroso em ti, Helena e Julio

Mari e Martin



Palestra com professor do povo Sami, da Noruega, na UnB

Estive esses últimos três anos com o Marcelo no Armazém e quero dizer que sinto muito, muito mesmo. Marcelo foi um grande homem para todos os nossos povos. A memória dele que iremos lembrar e manter é aquele sorriso e simplicidade. Sinto muito, um grande abraço a todos vocês.

Mairu Karajá

O conheci com o trabalho da Comissão Nacional da Verdade. A ideia era dar sequência nesse trabalho. Parece que foi uma despedida no ATL 2023 desse grande amigo que conheci. Que topê o receba na luz!

Marcio Kókoj Kaingang

Grande Marcelo Zelic! Você deixa um grande legado.

Vladimir Sachetta

Julinho, tudo bem? Há tempos não temos notícias um do outro. Aqui quem fala é seu antigo professor de História, Mauricio. Ontem a noite soube da triste notícia do falecimento do seu pai. Queria te mandar os meus pêsames, com um abraço apertado e cheio de afeto, além de te dizer que lembro como se fosse hoje do dia em que ele veio a uma aula nossa para falar sobre os povos indígenas na comissão da verdade. O papel dele é ímpar na luta contra a tortura e as atrocidades da ditadura. A memória dele permanecerá presente em todos nós! Assim como o carinho e certeza de que ele vive em você, que é um rapaz incrível! Um grande abraço!


Mauricio Freitas

Descanse em paz, querido amigo e guerreiro! Marcelo, presente em nós

Maura Capriglione

Vá em paz, grande Marcelo Zelic. Você espalhou amor e esperança por onde passou.

Aleandro Karai Ruvixa



Faz um tempo — acho que dez anos — que encontrei Marcelo Zelic pela primeira vez. Um amigo me chamou para conhecê-lo por conta de meu ativismo pró-software livre, direito à privacidade, liberdade na internet. Marcelo precisava publicar documentos na internet, documentos sobre memória do período militar, acho. Meu amigo me tinha em melhor conta do que eu merecia. Eu não tinha capacidade técnica para resolver o problema, mas tinha uma agenda: disse que era importante que fosse em software livre, que isso podia ser feito colaborativamente etc etc etc. Embrulhada na agenda levei minha arrogância. Sorte que levei também a capacidade de aprender porque sem ela o encontro com pessoas generosas pode dar em nada. Aquela conversa com Marcelo serviu para me ensinar, ao longo dos anos, que minha agenda era importante mas que a vida é feita das coisas que materializamos. A prioridade de Marcelo era organizar e publicar os documentos da forma possível. Para que fossem vistos. Para que fossem usados. “*A minha arma é o que a memória guarda*”, é a frase que me vem à cabeça quando penso nisso. Era um escritório no fundo de uma casa, havia árvore, havia muitos livros e documentos, as

coisas ali diziam “*este é um lugar de muito e obstinado trabalho*”. Com o passar dos anos, a descoberta do vídeo da Guarda Indígena desfilando uma pessoa no pau-de-arara, as milhares de páginas datilografadas do Relatório Figueiredo... Aqui me lembro do Marcelo dizendo, em outra visita, que havia naquele relatório provas do esbulho violento de muitos povos. Que podem ser usadas em casos legais, na luta pela suas terras, hoje. O tempo não é separado em compartimentos nem tem fim, o que foi ainda é. O que passou pode virar outra coisa. Em algum momento, não me lembro como, soube que Marcelo era cunhado da jornalista Laura Capriglione, vizinha de quintal. Depois, quando trabalhei na Marcha Mundial das Mulheres, conheci a Helena Zelic. Filha do Marcelo e da Paula. Sobrinha da Laura. Poeta. Não é só que Helena escreve poesias. Ela traz poesia à vida. Suas palavras ditas, declamadas, são algo... Quase violento, quase doce, um clarão, tudo isso junto. Sempre. Não sei direito quando foi o último de meus poucos encontros com Marcelo. Aquele comício de Lula no Anhangabaú, quando me dei conta de que sim, podíamos vencer, podíamos derrotar os fascistas e abracei-o chorando? O dia em que, na casa da Laura,

a torneira começou a despejar água, não era possível fechá-la e Marcelo foi até sua casa, voltou com ferramentas, desmontou e remontou a torneira? A água correu, a água parou. No dia da torneira a gente conversou sobre os Encantados. Marcelo, acho que em defesa de seu território materialista, esboçava dúvidas. Eu, que acredito nos Encantados, descobri outra coisa a respeito dele domingo passado. Sua família, amigos e parentes de vários povos indígenas plantaram uma pitangueira chamada Marcelo no Parque da Juventude. Ele até podia ter questões a respeito dos Encantados. Agora é um.

Patricia Cornils

Que perda irreparável, amigo Zelic. O senhor me inspirou tanto a fazer minha atual pesquisa. Tô arrasada com a notícia. Sem chão, mas seguirei a pesquisa pelo senhor, pelos povos indígenas e pela justiça de transição. Você foi e continuará sendo inspiração para nós que lutamos pela verdade, pela justiça, pelo direito à memória e aos direitos humanos. Que os encantados indígenas te recebam no plano espiritual.

Aline Ifadamilola

Desarquivando o Brasil: Marcelo Zelic, a pesquisa e o engajamento com os povos indígenas

(...) Para o caso de alguém se interessar, deixo aqui meu breve testemunho. Eu conheci pessoalmente Marcelo Zelic em 2014, no lançamento da campanha “Índio é Nós”, em 19 de abril; ele falou em mesa com uma liderança da Terra Indígena Jaraguá, (David) Karai Popygua. O editor Sérgio Cohn participou também para trazer o número da Poesia Sempre sobre poesia indígena, que teria sofrido censura na Biblioteca Nacional.

Naquela ocasião, Zelic falou do conteúdo das milhares de páginas do Relatório Figueiredo, de 1967, que ele havia encontrado. Elas apresentavam um amplo levantamento dos crimes contra os povos indígenas cometidos pelos agentes do SPI (Serviço de Proteção aos Índios), que acabou sendo substituído pela Funai.

(...) Na Comissão “Rubens Paiva”, que era presidida por Adriano Diogo, não havia oposição alguma. Lá, ajudei a organizar três audiências sobre o tema; nós o chamamos para falar. No relatório, no capítulo sobre as violações de direitos dos povos indígenas, ele é referido algumas vezes. Cita-se sua fala na 149ª audiência pública da Comissão. (...) Ele se referia à tese anti-indígena, anticonstitucional e ilícita perante o Direito Internacional do “marco temporal”, que ganhava terreno no Supremo Tribunal Federal com ajuda de Ministros como Gilmar Mendes. Essa questão também ainda não foi resolvida. Ele já organizava o que viria a ser o formidável Armazém Memória; ele me pediu, na época, os documentos da Comissão para colocar no portal.

Depois disso, cruzei com Zelic no evento “Resistência Indígena contra o Genocídio”, realizado no Campus São Paulo do Instituto Federal de São Paulo em 29 de novembro de 2018. Também falaram, além de nós, (David) Karai Popygua e Benedito Prezida, que o rodeiam nesta foto que tirei na ocasião.

(...) Ele explicou, entre outros temas, a importância dos documentos para as reivindicações dos povos indígenas, inclusive as de caráter judicial:

Eu, quando peguei o relatório Figueiredo e vi ali aquele documento, que só existiam três cópias impressas [...] fiz questão de visitar o povo Terena, sentar no chão com o povo Terena, passar o micro e dizer “vocês sabem



mexer com o computador?”, e aí levanta um Terena e fala, “oh, Zelic, sou advogado”, “pô, desculpa aí”, sentar e discutir com eles o que podia ter dentro desses documentos.

Depois, estive com ele em 13 de março de 2020 no Seminário de 5 anos do relatório da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” (na semana seguinte, começariam as medidas de isolamento social da pandemia). Não o vi mais pessoalmente. A última vez em que trocamos mensagens, faz pouco tempo, perguntei do relatório da Comissão Estadual da Verdade e Memória do Pará, que havia sido anunciado para 2021, depois para março de 2022 e só veio à luz no ano seguinte. Felizmente, ele saiu ainda a tempo de Zelic, que foi um dos organizadores do trabalho, vê-lo dispo-

nível para todos. Os povos indígenas são abordados no tomo II. As recomendações da Comissão aparecem no final do tomo III. Para dois temas, contudo, ela decidiu repetir as recomendações do relatório da CNV, de 2014. (...) É como se o tempo tivesse parado para aquelas reivindicações dos povos indígenas, que incluem a demarcação e a desintrusão de suas terras. Na verdade, pode-se até mesmo dizer que o relógio andou violentamente para trás. O caso contra Jair Bolsonaro no Tribunal Penal Internacional por genocídio parece-me forte exatamente em relação aos povos indígenas.

Faço notar, porém, que as recomendações que são reiteradas pela Comissão do Pará são as que aparecem no tomo II do relatório da CNV. Elas, por algum motivo, são amplamente ignoradas por vários pesquisadores e instituições, que costumam tratar apenas das que estão listadas no tomo I. Aquelas foram escritas pelos pesquisadores e militantes e ofertadas à CNV. No caso dos povos indígenas, são as mesmas que foram entregues também à Comissão “Rubens Paiva” no fim de 2014 por Timóteo Popygua, que o fez em nome da Comissão Guarani Yvyrupa.

Quase nove anos depois, quem sabe elas serão efetivamente implantadas, agora que temos indígenas à frente de um Ministério inédito, o dos Povos Indígenas, e da Funai? Parece possível, e Zelic viveu o suficiente para ser parte desta mudança e ver-lhe o começo.

Pádua Fernandes

Marcelo era o cara que o tempo todo pressionou, empurrou, falou, comigo e o Edmundo, que a gente tinha, pelo Ministério Público Federal, que ajudar a impulsionar a Comissão Nacional Indígena da Verdade. Fizemos uma audiência pública, o Marcelo foi, e aí, na semana do Acampamento Terra Livre, eu passei a semana com o Marcelo, fazendo o que foi a nossa despedida, pra plantar e realmente sedimentar esse caminho da CNIV, que vai nascer em homenagem a ele.

Marlon Weichert

Procurador do Ministério Público Federal

Marcelo Zelic, um guerreiro nato, um cara incrível, incansável no combate, se foi. Uma perda sem tamanho para todos nós. Membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, foi também do Grupo Tortura Nunca Mais-SP e criou o Armazém Memória, um site de informações sobre o genocídio dos povos originários no país, com informações de tudo que ocorreu e ainda ocorre.

Foi ele quem encontrou o famoso Relatório Figueiredo, no antigo SPI, que relata a matança que a ditadura civil-militar de 64 fez contra os indígenas favorecendo a ocupação da Amazônia pelas empresas, fazendeiros etc., quando da construção da Transamazônica. Também lutou pela criação da Comissão Nacional da Verdade dos Povos Indígenas, que ainda não foi criada e que se espera que neste governo venha ser. Seria uma forma de homenagear Marcelo Zelic por tudo que fez pela causa dos povos originários no Brasil.

Carlos Eduardo Pestana Magalhães

Trabalho no MPF e encontrei o Zelic em praticamente todas as agendas que teve em Mato Grosso do Sul. Não há como comparar com a dor da família, mas sinto muitíssimo a perda dessa pessoa maravilhosa que nos deixou. Um amigo que as lutas pelos povos indígenas me presenteou e que, infelizmente, nos foi tirado. Sei que é um momento difícil. Sintam-se abraçados e acolhidos pelas pessoas que ele tornou visíveis.

Marco Antonio

Ministério Público Federal

Desde hoje sinto um vento mais frio, mesmo Belém sendo quente. Talvez seja pela passagem do Marcelo Zelic para o outro plano espiritual onde irá ser o guardião dos povos originários. Cabe a nós a continuidade a uma palavra que tanto dizia: memória. Foi uma luz que clareou a nossa casa, minha e da Angelina, no Conjunto Maguari entre os dias 28 de março a 03 de abril. Vai em paz. Marcelo Zelic vive! Fico com o sorriso dele ao me despedir no aeroporto de Belém.

Pedro Cavaleiro



Gratidão, Marcelo Zelic. Gratidão. Siga o caminho do Yvymarane'y.

Valdelice Veron

De las personas más consecuentes que he conocido. Fue un regalo! Te mantendremos vivo en la memoria y en cada lucha por los derechos. Muito obrigada por tudo, Marcelo.

Andrea Ponce Garcia

Mais profundo respeito ao Marcelo, nosso parente adotado!

Valéria Paye Pereira

Com profunda tristeza, comunicamos o falecimento de Marcelo Zelic no dia 8 de maio de 2023. Antes de partir, ele fez questão de passar pelo 19º ATL, em Brasília. Na última sexta-feira, sofreu seu quarto AVC. Marcelo nutria um imenso respeito pela pesquisa e pelas universidades, buscando constantemente o diálogo. Ele criou o Armazém Memória, um projeto dedicado à minuciosa análise de arquivos que poderiam ajudar a revelar ações repressivas e recorrentes do Estado contra os povos indígenas.

Seu objetivo principal sempre foi reunir documentos e disponibilizá-los para os pesquisadores, pois acreditava que os documentos falavam por si mesmos, como costumava dizer. Pesquisas, arquivos, informações, imagens e sons — tudo deveria estar acessível ao maior número possível de pessoas. Seu acervo sempre foi público, mas ele não se contentava apenas com isso. Marcelo percorria universidades e movimentos sociais, garantindo que todos pudessem acessar e utilizar esses recursos em defesa de seus direitos.

Em uma reunião com a CAI ele indagou sobre a publicização dos arquivos da Aba de antes, durante e após a ditadura.

Seu último trabalho consistiu em elaborar um projeto para a criação de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade.

Elaine Moreira

Coordenadora da CAI
Associação Brasileira de Antropologia

Poxa, Marcelo Zelic, que sacanagem, meu velho! Que tristeza, querido... Esteja certo, apenas disso, que manteremos sua memória viva eternamente, buscando honrar tudo que você sempre fez junto e pelo nosso povo, por nossa história, por justiça, reparações e libertações diversas, desde sempre, inda ontem, e até muito mais além... Zelic seguirá sempre presente nas nossas caminhadas, estórias e História. Esse nosso país deve muito a ele.

Danilo Cesar

Marcelo Zelic, tributo ao território

Em 2016 acompanhei com Marcelo Zelic, pesquisador falecido essa semana, a relatora especial das Nações Unidas para os direitos dos povos indígenas, Victoria Tauli-Corpuz. Nesses anos todos, pouca coisa mudou para os indígenas Guarani Kaiowá, os conflitos pelo território tradicional das etnias só se agravam. Em homenagem a Marcelo Zelic, editei registros preciosos daquele trágico momento na região dos municípios do entorno da cidade de Dourados. O legado é a determinação na luta pelos direitos dos oprimidos, os excluídos, o fortalecimento dos povos indígenas em movimento. Esse não morre.

Helio Carlos de Mello

Enorme perda. Não esqueceremos suas contribuições para um mundo melhor e mais justo. Solidariedade à família e amigos.

Marta Cioccarri

Armazém Memória, a criação coletiva

Marcelo, o que trabalhava para todos

Zelic era um abnegado, inquieto e persistente pesquisador. Um militante à moda antiga, a boa. Não tinha nem vaidade, nem interesses pessoais. Trabalhava para o **coletivo**, sem distinção e sem ligar para as futricas da esquerda. Atendia e respondia a qualquer interessado que necessitasse de documentos da sua incrível invenção do **Armazém Memória** e seus outros arquivos.

Se alimentava da persistência, das descobertas incríveis (suas descobertas são muito mais que o relatório Figueiredo) que fez e da máxima que trabalho é uma tarefa diária. E que nunca acaba.

Marcelo e sua generosidade

Nesses seis anos de domínio da máfia empresarial militar nos governos do traíra Temer e do mandato do Coiso, o nosso querido Marcelo não parou.

Na iminência da situação piorar ou a cada truculência do governo se tomaram **muitas** medidas e iniciativas para salvar, resguardar **arquivos**.

Marcelo quase sempre foi o pivô dessas iniciativas. Ou o fulcro, o ponto de encontro. A sua modéstia de vida e a precariedade de suas condições de trabalho não o detiveram, apenas problemas recorrentes de saúde que agora o levaram.

Mas, fico pensando se não teria tido como seu trabalho ser mais fortalecido?

Marcelo, a questão indígena e as empresas cúmplices da ditadura

Estão em andamento pesquisas sobre 10 empresas cúmplices da ditadura coordenada pelo CAAF-UNIFESP; pesquisa que terminará em junho de 2023.

Algumas dessas empresas (Itaipu, Petrobras, Paranapanema, Josapar/Arroz Tio João, Aracruz/ Suzano) tem registros de **graves violação de direitos humanos contra povos indígenas**.

Quando iniciada a pesquisa, em outubro de 2021, tivemos uma reunião mista presencial/virtual dessas equipes com Marcelo, que prontamente colocou seus arquivos e conhecimentos à disposição. E assim aconteceu até agora com quem necessitou. Marcelo em nenhum momento falou em pagamento. Ele não falou: “*vai custar tanto*”.

Zelic era encontrado onde as coisas estavam acontecendo. Quando farejava a importância se colocava à disposição. E fazia. Ainda agora, esteve no Acampamento Terra Livre, em Brasília.

No início oficial do Projeto Memória da OSM-SP Oposição Metalúrgica de São Paulo – 2007 — nossa estrutura era zero.

(...) A visita de Marcelo com: “*uma filmadora na mão e muitas ideias na cabeça*” foi um sopro de entusiasmo e esperança.

(...) Na Comissão Nacional da Verdade fizemos a secretaria executiva do GT 13 dos Trabalhadores. Marcelo mergulhou na questão indígena, resultando num portentoso e detalhado registro único, acessível por qualquer pessoa de bem interessada. Ficamos todos frustrados por não haver nenhum encaminhamento após a entrega do Relatório da CNV.

Marcelo era o arauto de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade. A recente chaga exposta na crise da terra Yanomami, com tantas providências tomadas e publicizadas, mostra o tamanho da questão indígena no Brasil. Quantos povos e territórios ameaçados no dia a dia, quantas culturas ameaçadas?

Na luta por **verdade, memória, justiça e reparação** estamos ainda engatinhando.

A partida de Marcelo Zelic é uma perda imensa. Bandeiras ao alto para Marcelo.

Neto

Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP)

Marcelo Zelic, obrigado pelo aprendizado e profundidade que nos trouxe sobre a emergência da causa indígena como causa de todos. E por ter visto nos relatos orais indígenas mais uma possibilidade como instrumento de reparação na demarcação das terras indígenas. Gratidão eterna pela parceria com o Museu da Pessoa. Viva Marcelo. Sigamos inspirados pela sua jornada.

Rosana Miziara

Museu da Pessoa

É muito triste não ter mais a companhia do Marcelo. Com muita frequência nos encontrávamos, tanto na minha casa como na casa dele, eram sempre encontros muito intensos com muitas discussões de assuntos importantes relativos aos nossos trabalhos e aos nossos anseios por um mundo melhor, eram encontros com muita alegria também, por conta da nossa amizade. O Marcelo conquistou a minha confiança, a minha admiração e a minha amizade, por isso ele vai fazer muita falta e deixar muita saudade.

Cosme Ponte

Estive na última entrevista que fizemos com o Marcelo. Fiquei feliz de vê-lo e poder materializar um sonho que foi nosso e que estava acontecendo. Quero deixar aqui meus mais profundos sentimentos, tenho certeza que não está sendo fácil, mas o legado que Marcelo deixa é lindo e, a parte que nos cabe, honraremos lindamente.

Nô

Marcelo partiu antes que eu pudesse dizer a ele o quanto que me inspira, ensina e comove. Ele que sempre dizia sobre não esquecer gravou para sempre em minha memória o olhar alegre do último encontro. Havia se encerrado o ATL, a multidão se dissipava, nos topamos, ambos com olhos brilhantes de um choro emocionado e cheio de esperanças. Falei pra ele “*chorei*”, ele disse “*eu também*”, “*você viu o que Sônia falou?*”, “*não repetição*”. Nos abraçamos. Despedi-me com a certeza de que o encontraria de novo e em breve para tratarmos de memória, verdade, justiça e reparação para e com os povos indígenas. Marcelo Zelic, gigante, que tenhamos força para dar continuidade a tua luta por justiça.

Rute Pacheco

Conheci Marcelo nas atividades do Movimento Nacional dos Direitos Humanos. Uma pessoa marcante, uma voz diferenciada, às vezes sussurrava, de sua boca saíram palavras marcantes e decisivas. Tinha posição na luta, sabia seu lado, definir a opção na causa indígena e seguir em busca de justiça aos povos originários. Estava sempre disposto a contribuir com sua sabedoria e socializar conhecimento.

Cheila Olalla

Gratidão a Marcelo Zelic pelo trabalho incansável, generoso e de enorme contribuição à memória do país. Pelo ensinamento sobre o resgate coletivo da História. Pela pesquisa e ação na Comissão da Verdade. Pela descoberta e digitalização do Relatório Figueiredo e dos registros filmicos sobre a Guarda Rural Indígena (pesquisa que possibilitou o documentário GRIN). Pela investigação dos crimes ocorridos durante a ditadura. Pela luta em prol da demarcação de terras indígenas. Pelo Armazém Memória.

Roney Freitas

Marcelo Zelic me ajudou muito no AEL da Unicamp, foi ele quem digitalizou todo o acervo do Brasil Nunca Mais, coordenando a equipe. Ele, observando que eu estava todo dia religiosamente na sala de pesquisa, abrindo aqueles tomos recheados de enormes processos e seus mil volumes, me confiou um CD: está aí, você será a primeira pessoa a pesquisar no BNM digital! Era um amigão e uma pessoa muito ponta firme! Super corajoso e comprometido politicamente. Um grande de um teimoso!

Maria Claudia Badan Ribeiro

Marcelo Zelic, um mestre da pesquisa, incansável defensor do direito à memória, justiça, igualdade social e tudo que presta nesse mundo! O Brasil (e o mundo) perde uma pessoa que se dedicou à transformar nossa sociedade pra melhor. Quem o conheceu sabe o quanto se aprendia com ele, uma pessoa profundamente generosa e humorada... Que descanse!

Marina Weis

Ele encabeçava o Armazém Memória, que foi a organização responsável pela digitalização do Relatório Brasil Nunca Mais, onde eu tive a honra de trabalhar com ele. Infelizmente não pude ficar todo o processo mas carregarei com carinho o tempo em que pude fumar um cigarro com ele naquele galpãozinho de madeira no fundo de sua casa. As lições que aprendi com ele foram gigantescas e carrego isso pra sempre na minha militância. Zelic estava sempre presente nos atos, era extremamente corajoso, corria para defender a gente, naquela época apenas moleques, contra a repressão da polícia. Abriu meu olho para o que foi realmente a ditadura militar e me deu a oportunidade de conhecer os combatentes daqueles duros anos.

Pedro Brandão

Grande perda para nós e para o Brasil que queremos.

Maysa Garcia e Clemente Ganz Lucio

Falleció Marcelo Zelic a los 59 años. Un fundamental.

Sus investigaciones fueron claves para el reconocimiento del exterminio contra los pueblos indígenas por la Comisión de la Verdad que investigó los crímenes de la dictadura militar brasileña.

Presente.

Más de 8.350 indígenas fueron asesinados por la dictadura militar brasileña según la Comisión de la Verdad. Marcelo Zelic reunió documentos para comprobarlo. Además era vicepresidente del Grupo Tortura Nunca Mais - São Paulo y coordinador del Projeto Armazém Memória.

Nacho Lemus

Telesur

Sou editor do InfoAmazonia e eu trabalhava com o Marcelo no projeto Memória Interétnica. Eu o conheci ainda no Brasil de Fato há 14 anos e sempre tive um grande afeto e admiração por ele. Então queria deixar um grande abraço pra toda a família e dizer que vou sentir muita falta da pessoa maravilhosa que ele é.

Cristiano Navarro

Com muita tristeza que nós do MST recebemos a notícia da morte de nosso querido Marcelo Zelic, um amigo do MST que sempre esteve presente da nossa organização, cuidando da memória e da comunicação do nosso Movimento! Nossa solidariedade aos familiares e amigos!

João Paulo Rodrigues e

João Pedro Stédile

MST

Recebam a nossa solidariedade em nome de da presidência e tod@s os missionários do Cimi, nesse momento de perda e de dor pela passagem do nosso companheiro e amigo Marcelo. A vocês, familiares, o nosso desejo que o Deus da Vida os conforte sempre nesse luto, que será sempre luta na esperança que o Marcelo nos ensina e nos deixa. Muita paz.

Antônio Eduardo de Oliveira

CIMI

O Marcelo, cá entre nós, era muito inteligente e sagaz, também era chato e insistia muito até conseguir, pegava as pessoas pela incoerência que desvendava. Isso incomodava. Conheci ele quando ele tinha seus 18 anos e já tinha saído da PUC-SP. Acho que é isso, se não me falha essa memória que ainda tá por aqui.

Aldo Escobar



FUTURO
INDÍGENA
HOJE.

sem demarcação
não há democracia



ANCESTRALIZOU

MARCELO ZELIC



É com grande pesar que informamos a perda do indigenista Marcelo Zelic, vítima das consequências de um AVC ocorrido hoje, 08 de maio de 2023.

Marcelo foi o responsável pela Comissão de Justiça de Paz de São Paulo e idealizador do Armazém Memória. Ele vinha trabalhando ativamente para a implementação da Comissão Indígena da Verdade e fazia diversos debates em torno do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), finalizado em 2014, que apontava a morte de pelo menos oito mil indígenas de dez povos neste período.

Em parceria com o Ministério dos Povos Indígenas (MPI), Marcelo iniciou diálogos importantes para a retomada de estudos e grupos de trabalhos que preservavam o processo e a importância de uma Comissão Indígena da Verdade.

Seu legado, trabalho e memória continuarão vivos entre todos nós e reforçamos que continuaremos trabalhando em suas ideias.

Sonia Guajajara
Ministra dos Povos Indígenas



Pela memória do Indigenista **Marcelo Zelic**

★ 12/11/1963

† 08/05/2023

MPI



Com grande tristeza recebemos a notícia do falecimento do jornalista e pesquisador Marcelo Zelic, um grande aliado na luta pela democracia, pela defesa dos direitos humanos e a causa indígena.

Zelic foi idealizador do Armazém Memória que, em parceria com o Instituto de Políticas Relacionais, integra o portfólio de projetos apoiados pelo Programa Norueguês de Apoio aos Povos Indígenas.

Marcelo foi incansável no seu compromisso e deixa um legado de tamanho inestimável em favor da humanidade e do povo brasileiro, em particular, da justiça, dos direitos e da democracia.

Manifestamos nossa solidariedade à sua família e a todos os seus amigos.

Embaixada e Consulado Geral da Noruega no Brasil



Passei a tarde baqueado com a notícia da morte precoce do companheiro Marcelo Zelic. Desde o nosso mandato de deputado estadual, Marcelo nos dava trabalho e gratificação por sua militância pelos direitos humanos. Vínhamos nos falando nas últimas semanas sobre sua persistente luta pela instalação de uma Comissão da Verdade específica para apurar os crimes da ditadura contra os povos indígenas. Seu legado no Armazém Memória, cujos primeiros traços ajudei a desenhar, é fundamental para a história do Brasil vista sob a ótica das classes espoliadas e oprimidas de nossa sociedade.

Renato Simões

Secretário Nacional de Participação Social
da Presidência da República



VEREADORA LUNA ZARATTINI

VOTO DE PESAR

Requer inscrição em ata de VOTO DE PESAR pelo falecimento de **MARCELO ZELIC**, ocorrido dia 08 de maio de 2023.

REQUEIRO à Douta Mesa, nos termos do inciso XIV do art. 223 do Regimento Interno, manifestação de pesar (VOTO DE PESAR) pelo falecimento do Senhor MARCELO ZELIC, ocorrido em 08 de maio de 2023.

Por essa razão, com fundamento no art. 228 do Regimento Interno, esta Vereadora requer a moção de pesar a Marcelo Zelic, como forma de merecida homenagem.

Sala das Sessões, em 09 de maio de 2023.

LUNA ZARATTINI
Vereadora
Partido dos Trabalhadores

Viaduto Jacareí, 100 – 4º andar – sala 417 – São Paulo – SP CEP 01319-900 Tel.: (11) 3396-4236 lunazarattini@saopaulo.sp.leg.br

PROTOCOLO REG 2145V
Documento com assinaturas digitais múltiplas (vide lista a toalha seguinte).

fls. 1



Lamento profundamente a morte do companheiro Marcelo Zelic, grande defensor dos povos indígenas, Zelic esteve presente em nossa audiência pública para tratar das graves violações de direitos humanos cometidas contra os Povos Indígenas durante a ditadura militar.

Célia Xakriabá

Deputada Federal PSOL-MG

É com muita tristeza que recebo a notícia do falecimento do companheiro Marcelo Zelic, um dos organizadores do Relatório Final da Comissão Estadual da Verdade, apresentado no final do mês de março. Aos amigos próximos e familiares, meus sentimentos. Zelic presente!

Carlos Bordalo

Deputado Estadual PT-PA

Marcelo Zelic presente! Lamento profundamente a morte do companheiro Marcelo Zelic, grande defensor dos direitos humanos e dos povos indígenas do Brasil. Zelic nunca deixou de falar sobre memória, sobre verdade, sobre os crimes terríveis que aconteceram na ditadura. A memória de Marcelo segue viva!

Luna Zarattini

Vereadora PT-SP

Marcelo, sempre amigo dos povos indígenas. Nosso reconhecimento a todo esforço e dedicação que teve pelos direitos indígenas.

Joenia Wapichana

Presidenta da Funai

A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil informa com imenso pesar, a perda do indigenista Marcelo Zelic, hoje 08 de maio de 2023.

Marcelo foi o responsável pela Comissão de Justiça de Paz de São Paulo e idealizador do Armazém Memória. Ele vinha trabalhando ativamente para a implementação da Comissão Nacional da Verdade Indígena e fazia diversos debates em torno do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), finalizado em 2014, que apontava a morte de pelo menos oito mil indígenas de dez povos neste período.

Seu legado, trabalho e memória continuarão vivos entre todos nós e reforçamos que continuaremos trabalhando em suas ideias.

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)

Manifestamos grande pesar pelo falecimento de nosso companheiro, amigo e sempre inspirador guerreiro Marcelo Zelic no dia 08-05-2023. Sua vida, sua perspicácia e capacidade de indignar-se com as injustiças praticadas com os povos indígenas inspiram nossas lutas. Aguejevete!

Observatório Indigenista

A Coalizão Brasil por Memória, Verdade, Justiça, Reparação e Democracia lamenta profundamente o falecimento de Marcelo Zelic, ocorrido na data de hoje, por complicações após ter sofrido um AVC hemorrágico na semana passada.

Conselheiro Diretor da Coalizão Memória, Marcelo foi um defensor incansável dos Direitos Humanos e ativo defensor dos Direitos Indígenas. Coordenador do projeto Armazém Memória, colaborou com o Grupo Tortura Nunca Mais de SP e da Comissão de Justiça e Paz. Pesquisador de enorme e reconhecida qualidade, foi quem localizou o Relatório Figueiredo, que documenta violações aos povos indígenas na ditadura, e que estava desaparecido. Foi um dos proponentes da inclusão da perseguição e assassinato de indígenas nas investigações da Comissão Nacional da Verdade. Empunhava, hoje, a bandeira da criação de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade, participando de reuniões, debates e seminários sobre a proposta. Nos fóruns da Coalizão, Marcelo era uma voz incansável para nos lembrar que nossa luta por memória, verdade e justiça pelas violências do passado não tem sentido se não objetivar a interrupção e a não-repetição das violên-



cias que seguem se repetindo, cotidianamente, no presente.

A Coalizão Memória se solidariza com os familiares e amigos de Marcelo Zelic, com a certeza de que seu legado de luta continuará a nos mover em direção a uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna. Esperamos estar a sua altura para dar prosseguimentos às lutas pelo esclarecimento das graves violações de direitos humanos perpetrada contra o povo brasileiro, em especial contra os povos indígenas, ao longo de toda a História.

Marcelo Zelic presente! Hoje e sempre!
Nosso até breve ao Marcelo Zelic

Coalizão Brasil por Memória, Verdade, Justiça, Reparação e Democracia

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)

informa, com profundo pesar, o falecimento nesta segunda-feira (8) de Marcelo Zelic, vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, coordenador do Projeto Armazém Memória e um dos responsáveis pela inclusão do estudo de graves violações de direitos humanos contra os povos indígenas na Comissão Nacional da Verdade. O pesquisador, que sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) na última sexta-feira (5), deixa centenas de páginas escritas de documentos sobre violações de direitos contra os povos originários.

Em um de seus últimos trabalhos, Zelic atuou diante da tragédia humanitária no Território Indígena Yanomami, afirmando que o ocorrido exige a abertura de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade para esclarecer os crimes cometidos entre os anos de 2019 e 2022. Em um artigo intitulado *Justiça de Transição: remodelando práticas do Estado para o Bem Viver*, o pesquisador faz uma análise sobre o que pode ser feito tanto para interromper as invasões ao território indígena como para acabar com a “dinâmica genocida de ex-



pansão do desenvolvimento e exploração das riquezas” territoriais.

Em um dos trechos do documento, Zelic afirmava que “*em memória dos indígenas, indigenistas e defensores de direitos humanos assassinados no Brasil entre 2019-2022, conclamamos, sem anistia! O Estado brasileiro tem o dever de reparar. Tem o dever de realizar a desintrusão em terras homologadas e cessar, sem demora, essa afronta constitucional ao usufruto indígena de suas terras. Demarcar é reparar*”, completou.

Sobre o tema, recentemente, em abril, Zelic participou, na Câmara dos Deputados, de uma audiência pública na Comissão da Amazônia e dos Povos

Originários e Tradicionais para tratar das graves violações de direitos humanos cometidas contra os Povos Indígenas durante a ditadura militar ao lado da presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), Joenia Wapichana, do procurador Regional da República, Marlon Alberto Weichert; do diretor de Línguas e Memórias do Ministério dos Povos Indígenas, Eliel Benites; do jornalista Rubens Valente; do coordenador executivo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Kleber Karipuna; e da conselheira da Comissão de Anistia, Maira Pankararu.

Marcelo Zelic também participou, em março deste ano, de uma reunião com Joenia Wapichana e integrantes

da Articulação dos Povos Indígenas do Tocantins (ARPI), representantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da Comissão de Paz e Justiça da Arquidiocese de São Paulo (CJP/SP) e da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) na sede do órgão, em Brasília (DF). O objetivo do encontro foi apresentar demandas para a proteção dos direitos indígenas no país.

Em uma mensagem encaminhada por Helena, filha de Marcelo Zelic, ela afirma que o legado deixado pelo pai não pode ser esquecido. *“Agora é hora de seguirmos pensando nele, e não só lembrando as histórias, mas também assumindo o compromisso de sermos mais como ele: justos, generosos, teimosos, rebeldes, carinhosos e comprometidos com a luta dos povos. É hora de mantermos a memória dele viva, assim como ele, com o Armazém Memória, mantinha viva uma parte muito importante da memória do Brasil”*, afirmou.

FUNAI

Defensor dos direitos dos povos indígenas, Marcelo Zelic teve atuação destacada na preservação da memória das graves violações contra os povos originários durante a ditadura e sua continuidade até os dias atuais.

Propôs a investigação da temática indígena na Comissão Nacional da Verdade, sendo o responsável por encontrar o Relatório Figueiredo, documento que contém informações sobre assassinatos em massa, tortura, guerra bacteriológica e química, escravidão e abuso sexual contra os povos indígenas no regime ditatorial.

Desde 2001, coordenava o projeto Armazém Memória, que objetiva reunir em formato digital documentação de natureza histórica, jurídica e educativa com foco nos Direitos Humanos.

Zelic deixa um legado de luta incessante pela preservação e difusão da memória de nosso país. Os valores pelos quais dedicou sua vida estão presentes em cada uma das pessoas que busca, cotidianamente, o estabelecimento de uma cidadania plena por meio da memória, verdade, justiça e reparação.

**Núcleo de Preservação
da Memória Política**



Ontem (8), a luta pelos direitos humanos em nosso país teve uma grande perda com o falecimento de Marcelo Zelic.

Jornalista e pesquisador, ele também foi um lutador incansável contra a tirania, a tortura e a ditadura, foi um grande aliado da causa indígena e um verdadeiro militante da preservação da memória histórica de nosso país. Marcelo lutou pela preservação da cultura e dos valores dos povos indígenas, um dos projetos que criou com esse objetivo foi o Armazém da Memória entre muitos outros projetos ao longo de sua vida.

A Unidade Popular presta solidariedade aos familiares e amigos, e reiteramos a importância que teve Zelic para as conquistas importantes dos Direitos Humanos em nosso país nos últimos anos

Unidade Popular

O Cimi Sul manifesta sua solidariedade aos familiares do querido amigo Marcelo Zelic, que hoje, 08 de maio de 2023, encantou. Agora será acolhido pelos encantados de Luz na outra dimensão, lá onde tudo se torna eterno.

Marcelo estará na parceria de tantas e tantos que por aqui passaram e construíram, nessa vida terrena, caminhos do bem, da verdade, da justiça e sempre contra todo e qualquer tipo de autoritarismo e violência.

Marcelo fará falta. O Armazém Memória, que com tanto carinho e esmero dedicou parcelas significativas de seu tempo – como se fosse uma missão militante pelas memórias, pelas histórias, pelos saberes dos povos e de seus aliados, – ficará entristecido pelo vazio da presença engajada, alegre e compromissada do Zelic.

O Cimi Sul diz, neste momento, um até breve, porque, mais cedo mais tarde, de acordo com os tempos dessa vida nos visitaremos e conviveremos outras vezes.

Nosso abraço aos amigos do Marcelo e aos seus familiares que sentirão a sua ausência física, mas, por outro lado ele

se tornou perene em função das boas sementes deixadas ao mundo, ao Brasil e aos povos indígenas.

Conselho Indigenista Missionário (Cimi Sul)

A partida repentina do companheiro que através de seu trabalho incessante pelos Direitos Humanos, em especial na luta das nações indígenas como representante plenipotenciário da CJP/SP. A reunião de hoje à partir das 17 horas na qual estava previsto a apresentação de Marcelo sobre os avanços da proposta da criação da Comissão Indígena da Verdade e de Justiça de Transição, seja dedicada a ele com os depoimentos, como fez tão bem sua filha, dos que tiveram a felicidade de conviver com este grande ser humano que chamava e era chamado pelos indígenas de “*parente*”.

É o início de uma série de homenagens a quem sempre estará presente em nossas reuniões.

Comissão Justiça e Paz de São Paulo

Deixou esta Terra uma pessoa especial – Marcelo Zelic, para ser encantado. Pessoa muito querida e especial. Deixou sua marca e muita saudade. A **COQUEI** se solidariza com a família e amigos pela dor da partida precoce de pessoa tão amada!

É com pesar que nesta segunda-feira a Comissão Regional Justiça e Paz recebeu a notícia do falecimento de Marcelo Zelic.

Marcelo Zelic dedicou sua vida à defesa dos direitos humanos e dos povos indígenas. Foi um especialista em localizar, identificar, publicar e divulgar arquivos relacionados com violações aos direitos humanos. Constituiu o Armazém Memória, um dos mais significativos acervos digitais brasileiros sobre a ditadura militar e a luta dos povos indígenas por direitos.

Nosso abraço fraterno a família e amigos de Marcelo Zelic.

Marcelo Zelic!!
Presente na caminhada!!

Coordenação da Questão Indígena (COQUEI)

Nosso até breve ao Marcelo Zelic



Marcelo Zelic, durante participação no Congresso de 50 anos do Cimi, em novembro de 2022, em Luziânia (GO).
Foto: Maiara Dourado/Cimi

“A brutalidade sangra não só o Brasil Indígena, nos atinge a todos e todas. Quebrar o ciclo da repetição da violência do Estado contra os povos indígenas e seus direitos constitucionais, seus territórios, culturas, organizações sociais e representativas, é hoje tarefa das mais importantes, sem a qual não existe o Estado Democrático de Direito, tampouco futuro sustentável”.
Marcelo Zelic¹

Um lutador incansável contra a tirania, a tortura e a ditadura, Zelic foi um grande aliado da causa indígena e um verdadeiro militante da preservação da memória histórica de nosso país, que considerava um instrumento fundamental para garantir a efetivação e o aprofundamento de nossa democracia.

Jornalista e pesquisador zeloso, foi incansável no seu compromisso com a luta em defesa dos direitos humanos. Nos últimos anos, dedicou-se com afinco a desvelar os registros históricos das violações –

sistematicamente praticadas e sistematicamente ignoradas pelo Estado – contra os povos originários do Brasil.

À frente do projeto Armazém Memória, dedicou-se a digitalizar, reunir e sistematizar milhares de documentos de órgãos e instituições oficiais e de organizações indígenas e indigenistas, e a construir um verdadeiro acervo de documentação das violências historicamente praticadas contra os povos originários no país.

Recentemente, vinha centrando suas energias na necessidade urgente de que o Estado brasileiro crie uma Comissão Indígena da Verdade, com a finalidade de reconhecer oficialmente e, principalmente, reparar as violações que praticou, por ação ou omissão, contra os povos indígenas.

Em suas palavras, *“criar a Comissão Indígena da Verdade é uma oportunidade de impulsionar a justiça de transição no*

*Brasil, corrigindo-se os erros apontados, defender a democracia no Brasil, o meio ambiente e a diversidade etnocultural para se contrapor a esse interdito dos direitos constitucionais indígenas”.*²

Em todas as iniciativas de Zelic, é possível perceber sua preocupação profundamente humana e democrática em abrir debates, expandir horizontes e dar transparência a informações e documentos

Zelic assumiu como sua uma tarefa que deve ser de todos e todas nós, e que já foi enfrentada com mais afinco por alguns de nossos vizinhos latino-americanos: a revisão das violações praticadas contra a população em geral, e os povos indígenas em particular, durante os regimes militares e ditatoriais que vigoraram durante o século passado na América Latina e deixaram atrás de si um rastro de sangue – e, em especial no caso brasileiro, de impunidade.

Em 2013, Marcelo teve um papel fundamental na redescoberta e divulgação do relatório Figueiredo, um documento de milhares de páginas que detalha um sem número de violações, massacres, esbulhos e verdadeiras ações de crueldade

praticadas contra os povos indígenas do país sob a égide do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Ele era colaborador assíduo do Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil, publicado anualmente pelo Cimi. Desde 2014, a publicação contava com textos de sua autoria sobre o tema “*Memória e Justiça*”, refletindo sobre a articulação entre os crimes do passado e a triste continuidade das violações contra indígenas no tempo presente.

Em todas as iniciativas de Zelic, é possível perceber sua preocupação profundamente humana e democrática em abrir debates, expandir horizontes e dar transparência a informações e documentos.

Também nessa perspectiva, ele contribuiu ativamente, por meio do Armazém Memória e em parceria com o portal InfoAmazonia e a Fundação Rosa Luxemburgo, com a plataforma Caci, que busca geolocalizar num mapa digital e disponibilizar em formato aberto os casos de violência contra indígenas registrados pelos relatórios anuais do Cimi e da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Esse debate é especialmente pertinente às lutas travadas pelos povos indígenas no presente, não apenas pela importância de se fazer justiça e, como defendia Zelic, impedir que as atrocidades do passado se repitam e se perpetuem; mas também porque, hoje, está em curso uma tentativa de apagamento das violações praticadas contra os povos originários, por meio de uma reinterpretção restritiva da Constituição Federal conhecida como “*tese do marco temporal*”.

Em análise pelo Supremo Tribunal Federal, esta tese pretende passar uma borracha no passado de violências, esbulhos e genocídios praticados contra os povos indígenas do Brasil e, assim, legitimar as violações do presente.

A produção e as reflexões deixadas por Marcelo apontam sempre para esse caminho: a busca da memória como forma de impedir a perpetuação da violência.

Ele iniciou um de seus mais recentes textos, publicado no *Le Monde Diplomatique Brasil*, com a seguinte epígrafe, atribuída ao uruguaio e também guardião das memórias da resistência latino-americana Eduardo Galeano: “*ao fim e ao cabo, somos o que fazemos para mudar o que somos*”.

A seu modo, Zelic dedicou sua vida a mudar o que somos como país – um país que despreza a própria memória, que mantém recalçados e adormecidos seus traumas históricos, sem enfrentá-los, e cujas elites se esforçam a todo custo para manter no esquecimento as atrocidades cometidas no passado, que repercutem no presente de violações e injustiças.

Sempre aberto ao debate, sempre disposto a discutir ideias, Zelic foi um pesquisador zeloso e um lutador apaixonado pelas causas que defendeu. Com essa paixão, colocou sua inteligência extremamente criativa e sua generosidade irrestrita a serviço dos povos indígenas.

Em relação à memória e à documentação, o trabalho que Zelic nos deixa é, por definição, coletivo. E talvez seu principal legado seja a disposição incansável em abrir essa vereda e nos convocar, a todos e todas, a dar sequência a essa tarefa indispensável.

O Cimi se orgulha por tê-lo como parceiro na luta pelos direitos dos povos indígenas. Pudemos contar com sua presença, alegre e entusiasmada, no Congresso em que celebramos nossos 50 anos.

Deixamos a Marcelo o nosso carinhoso e fraterno agradecimento.

Obrigado pela luta na Comissão da Verdade em defesa da punição aos responsáveis pela tortura; pela Comissão Indígena da Verdade – sua batalha atual – para uma consequente política em favor dos territórios indígenas.

Marcelo vai nos fazer muita falta, mas deixa um exemplo de compromisso e luta para darmos continuidade.

Aos seus familiares, amigos e amigas, a nossa solidariedade, e que o Deus da Vida sempre os conforte e receba Marcelo no seu reino de Paz.

Obrigado, Marcelo Zelic!

Conselho Indigenista Missionário (Cimi)

1 Marcelo Zelic, *Mecanismos de não-repetição: um esforço de futuro sustentável*. Texto publicado no relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – dados de 2021

2 Marcelo Zelic, *Brasil, um país em interdito: povos indígenas, reparação e mecanismos de não repetição*. Texto publicado no relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – dados de 2020

Marcelo Zelic vive!

Jornalista e pesquisador, ele também foi um lutador incansável contra a tirania, a tortura e a ditadura, foi um grande aliado da causa indígena e um verdadeiro militante da preservação da memória histórica de nosso país. Marcelo lutou pela preservação da cultura e dos valores dos povos indígenas, um dos projetos que criou com esse objetivo foi o Armazém Memória entre muitos outros projetos ao longo de sua vida.

O Comitê pela Memória, Verdade e Justiça de Teresina presta solidariedade aos familiares e amigos, e reitera a importância que teve Zelic para as conquistas importantes dos Direitos Humanos em nosso país nos últimos anos

Comitê pela Memória, Verdade e Justiça de Teresina

Marcelo Zelic, presente!

Acabamos de perder mais um guerreiro, Marcelo Zelic, companheiro de luta, defensor dos direitos dos povos indígenas e do direito à memória, verdade e justiça.

Marcelo Zelic se dedicou a pesquisar e tornar públicas histórias da ditadura militar até hoje não reconhecidas pelo Estado brasileiro. Foi vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais e também fundou e coordenou o projeto Armazém Memória.

Também foi responsável pela descoberta do Relatório Figueiredo. Zelic analisou o contexto que envolveu a produção do relatório elaborado em 1967 pelo procurador Jader de Figueiredo Correia, que apurou denúncias de crimes cometidos contra populações indígenas no período do regime militar.

À frente do Armazém Memória, batalhou incansavelmente para localizar, digitalizar, organizar e disponibilizar milhares de páginas importantes do indigenismo

brasileiro, contribuindo concretamente para a conservação da memória e da documentação histórica no nosso país, normalmente relegada a segundo plano.

Estava bastante animado com a nova conjuntura e as possibilidades de finalmente conseguirmos uma Comissão Nacional da Verdade dedicada aos povos indígenas.

Foi nosso companheiro e sócio do CTI. Durante sua participação no último Acampamento Terra Livre tínhamos planos de Marcelo trabalhar o acervo histórico do CTI, planos adiados agora por essa inesperada fatalidade.

Manifestamos solidariedade à sua família e a todos os seus amigos mais próximos, certos do seu importante legado, mas de que o mundo indigenista fica mais triste.

Centro de Trabalho Indigenista (CTI)



O MST se despede do companheiro Marcelo Zelic, valoroso amigo e parceiro de tantas lutas. Estendemos nosso abraço aos amigos e familiares de Marcelo, reafirmando nosso compromisso de seguir na luta por vida digna aos trabalhadores do campo e da cidade!

Zelic presente!

MST

O Ministério Público Federal na 3ª Região lamenta o falecimento, nesta segunda-feira (8), de Marcelo Zelic, pesquisador e correalizador do projeto BNM Digital.

Marcelo Zelic dedicou sua vida à defesa dos direitos humanos e dos povos indígenas. Foi um especialista em localizar, identificar, publicar e divulgar arquivos relacionados com violações aos direitos humanos. Constituiu o Armazém Memória, um dos mais significativos acervos digitais brasileiros sobre a ditadura militar e a luta dos povos indígenas por direitos. Marcelo foi um dos idealizadores do Brasil: Nunca Mais Digital e compartilhou com o procurador regional da República Marlon A. Weichert a coordenação geral do projeto, que disponibilizou a íntegra de mais de 850 mil páginas de processos do Superior Tribunal Militar para consulta na rede mundial de computadores. Desde o lançamento do projeto, cerca de 6 milhões de páginas de documentos foram pesquisadas.

Nesse momento de pesar, os parceiros do BNM Digital e do MPF ressaltam que o exemplo e os ideais de Zelic continuarão presentes entre seus companheiros de jornada, inspirando novas realizações.

Procuradoria Regional da República da 3ª Região

Qual a importância da memória para nos repensarmos como pessoas e coletividades? Qual a importância da memória para tentarmos refundar um país, uma democracia?

Hoje perdemos um companheiro que talvez melhor que ninguém soubesse disso e reunisse as condições necessárias para tal mobilização. Marcelo Zelic se encantou, mas nos deixou de herança a sua coragem, sua imensa capacidade de mobilização, generosidade e senso de justiça. Dentre os seus grandes feitos, Marcelo tinha encarnado nele mesmo o fato de ter descoberto e salvado o Relatório Figueiredo.

Nós, da Anai, estamos em luto, mas também estamos muito orgulhosos por fazer parte do grande arcabouço de documentos e de luta que é o Armazém Memória. Um projeto grandioso como merecem a democracia, as lutas por terra, justiça e reparação.

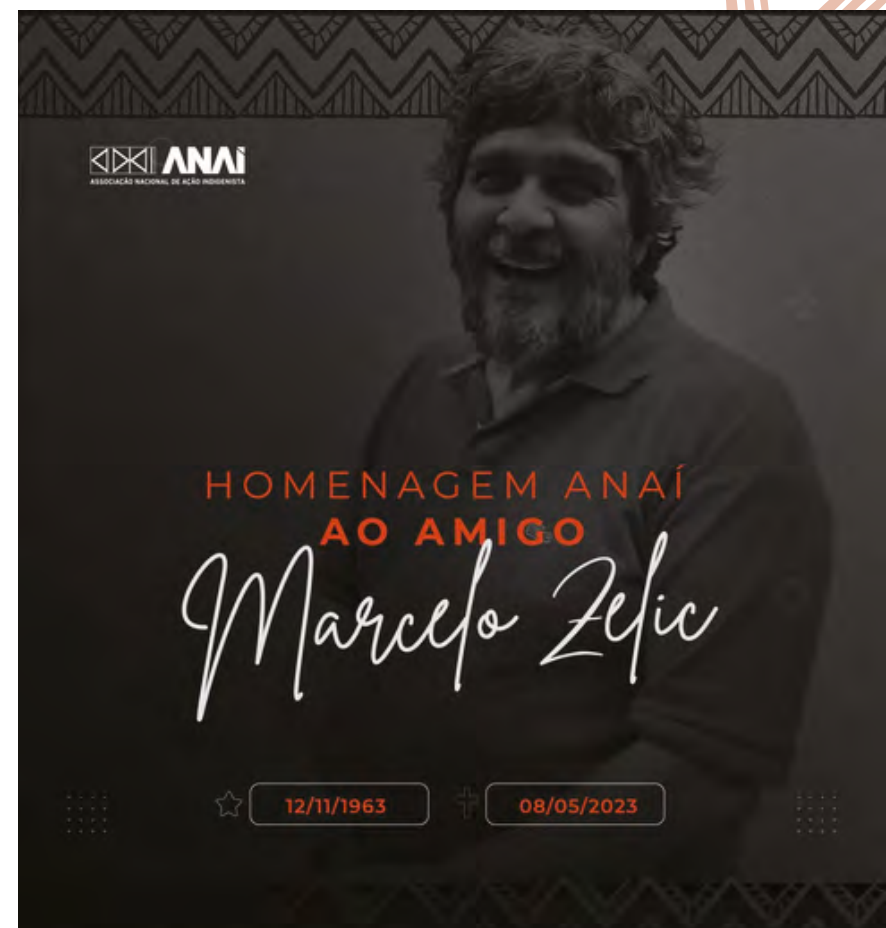
Toda nossa solidariedade à família de Marcelo Zelic, amigos e companheiros do Tortura Nunca Mais e do Armazém Memória.

Marcelo, amigo querido, não tivemos tempo de realizar todos os nossos planos e parcerias, mas queremos registrar toda

nossa admiração, afeto e compromisso em honrar a memória daqueles que lutam, como você.

Com afeto e saudade,

Associação Nacional de Ação Indigenista (Anai)



Solidariedade aos familiares, amigos e companheiros de batalhas. Gratidão por toda dedicação e luta.

O diretório municipal do PT São Paulo manifesta pesar pelo falecimento do companheiro Marcelo Zelic, aos 59 anos, nesta segunda-feira (8) por conta de um AVC.

Pesquisador, Marcelo foi um grande lutador e militante contra as desigualdades sociais. Responsável por incluir violações contra os povos originários na Comissão da Verdade, deixará um legado de luta pela memória histórica do país, com destaque para causa indígena.

E como Helena, uma de suas filhas, ressaltou em texto: Marcelo *“trabalhou de domingo a domingo para colocar no ar centenas de milhares de documentos que pertencem à história dos nossos povos. Achou arquivos que ninguém antes tinha visto, e com isso fez transformações importantes na nossa democracia. Lutou e enfiou muitos dedos na ferida para que se fizesse justiça, reparação e não-repetição. Se rodeou de muita gente, entre indígenas e não-indígenas, todos lutadores. Fez amigos em todo o Brasil”*.

Marcelo Zelic presente!

PT - São Paulo

Marcelo Zelic presente!

O Grupo Tortura Nunca Mais-SP lamenta o falecimento hoje (8/05) de nosso companheiro Marcelo Zelic, que foi durante muitos anos vice-presidente de nossa entidade.

Marcelo foi um grande defensor dos direitos humanos e, em especial da causa indígena à qual vinha se dedicando sempre com entusiasmo. Estudioso, era incansável na pesquisa e busca de documentos. Conhecia bem as dificuldades dos povos indígenas, as atrocidades e genocídios do passado e do presente que vitimaram e ainda vitimam esses povos. Reunia documentos, vídeos, filmes em seu projeto Armazém Memória que colocava para acesso do público.

Foi Marcelo Zelic quem encontrou 40 anos depois no Museu do Índio do Rio de Janeiro o relatório Figueiredo, do procurador Jader de Figueiredo Correia, que descrevia atrocidades e genocídios contra povos indígenas praticados por

funcionários do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) latifundiários, garimpeiros e aventureiros de todo tipo.

Os cinto-larga de Mato Grosso sofreram terríveis violências. Uma mulher indígena foi pendurada e rasgada ao meio com um facão enquanto seu filho de seis anos era morto com um tiro na cabeça. Homens eram cortados ao meio com facão. Eram torturas e atrocidades de todo tipo, além da submissão à fome e miséria impostas pelo SPI, grileiros, fazendeiros entre outros.

Durante a realização da Comissão Nacional da Verdade, no governo da presidente Dilma Rousseff, Marcelo e companheiros do Grupo Tortura Nunca Mais SP estiveram em Brasília e defenderam firmemente a inclusão do tema indígena no relatório final.

Recentemente, estava animado com a criação do Ministério dos Povos

Indígenas e pela escolha de Sonia Guajajara para comandar a pasta e de Joênia Wapichana como presidente da Funai. Esteve no final de abril no Acampamento Terra Livre acompanhando a reivindicação dos indígenas pelas demarcações de suas terras. Foi incansável em defesa da aldeia indígena do Jaraguá, em São Paulo, que ainda hoje espera a demarcação de mais de 500 hectares de terras.

Recentemente, defendeu em entrevistas e eventos, a criação da Comissão Indígena da Verdade, uma das recomendações do Relatório da Comissão Nacional da Verdade e estava empenhado na luta e contra o marco temporal. Considerava que muitos povos indígenas foram expulsos de suas terras e, portanto, tinham direito a voltar a suas aldeias, depois de 1988. Já que o marco temporal — ainda não votado no STF — estabelece que os indígenas só

podem ficar em suas terras ocupadas até 1988, data da Constituição.

Zelic era também um batalhador da causa e dos direitos humanos em todas as suas dimensões, contra as arbitrariedades de agentes do Estado, a favor dos pobres e pretos da periferia, grandes vítimas de brutalidades. Frequentemente cercado de jovens, apoiava movimentos da juventude. Marcelo era também irreverente. Nas manifestações políticas sempre estava presente com algum cartaz contundente mas divertido.

O Grupo Tortura Nunca Mais SP lamenta o desaparecimento precoce de seu companheiro, que deixa um legado de esforço, coragem, compromisso e muito trabalho pelas causas que defendia.

Ficará sempre em nossa memória e dos que o conheceram e com ele conviveram. Um exemplo e um guia que nos entusiasma a continuar na luta pela democracia, em defesa dos povos indígenas e por uma sociedade igualitária. Marcelo Zelic presente!

Grupo Tortura Nunca Mais - São Paulo

NOTA DE PESAR

Nós Avá-Guarani da Comissão Guarani da Verdade (CGV) do oeste do Paraná, lamentamos profundamente a morte do companheiro e lutador de direitos humanos e dos direitos indígenas Marcelo Zelic, ocorrida no dia 8 de maio de 2023, vítima de um AVC.

Marcelo esteve conosco no oeste do Paraná, em dezembro de 2015, para discutir a proposta da criação de uma Comissão Guarani da Verdade, e foi graças aos seus ensinamentos, e incentivos que criamos a CGV e estamos lutando por reparação.

Descanse em paz Xeirum.

Aguyjevete



MARCELO ZELIC

†08/05/2023

Marcelo Zelic 1963-2023

Nasce no dia 12.11.1963, em São Paulo, capital. Sempre esteve junto àqueles que lutaram pela anistia, direitos humanos, preservação da memória, verdade e justiça. Faleceu com apenas 59 anos de idade.

Marcelo Richard Zelic, com ascendência árabe, sempre pronto para um kibe, estudou jornalismo na PUC-SP, não completando o curso, foi morar na favela na Zona Sul de São Paulo. Foi educador social, comunicador popular e vendedor de churrasco na porta da faculdade que abandonou.

Tudo isso até o início da década de 1980. Publicou dois livros, Rastros de um Andarilho – Folhetim Poético de Subsistência (1986) e um livro de poemas chamado Dia da Redenção (1983).

Da década de 1990 em diante, se envolveu com a luta pela recuperação da memória histórica da luta dos trabalhadores. Fez parte da equipe do Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro (CPV). Depois, criou o Armazém Memória, arquivo digital com centenas de milhares de registros sobre a história da luta pela democracia no país.

No ano de 2013, acontece o lançamento do portal Brasil Nunca Mais Digital, produto de sua pesquisa, localização e repatriação do acervo de microfilmes para o Brasil, em parceria com o Ministério Público Federal de São Paulo.

Reúne cerca de 900 mil páginas digitalizadas de um conjunto de 710 processos da repressão julgados pelo Superior Tribunal Militar (STM), além de fotos, vídeos e outros materiais que retratam os abusos cometidos durante a ditadura militar, bem como a

resistência de parcela da sociedade civil ao regime de exceção.

Uma segunda redescoberta de Zelic foi uma cópia do filme *Arara*, que o pesquisador publicou várias reportagens com os jornalistas Felipe Canedo, do Estado de Minas, e Laura Capriglione, da Folha de São Paulo.

A filmagem era uma cópia parcialmente editada de autoria de Jesco Von Puttkamer, cinegrafista brasileiro de ascendência alemã que gravara os julgamentos de Nuremberg e participou em vários documentários antropológicos no Brasil. O vídeo registrava a formatura da Guarda Rural Indígena (GRIN) desfilando em Belo Horizonte. Num determinado momento da gravação, dois guardas desfilavam com um terceiro homem pendurado num pau-de-arara. O desfile era a primeira exibição semipública da prática e a imprensa ditatorial censurara o episódio. A própria fita de Von Puttkamer só escapou à censura por causa do título, que pode ter remetido ao povo indígena e não ao instrumento de tortura.

Foi vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais. Foi também membro da

Comissão Justiça e Paz de São Paulo.

Marcelo Zelic localizou o Relatório Figueiredo, documento produzido entre 1967 e 1968 pelo procurador Jader de Figueiredo Correia. As mais de 7 mil páginas traziam denúncias de extermínio de populações indígenas, casos de torturas e expulsões de território, muitos desses atos praticados por servidores do governo federal.

Marcelo Zelic foi um dos responsáveis pela inclusão do estudo de graves violações de direitos humanos contra indígenas na Comissão Nacional da Verdade.

Dedicou-se à defesa dos direitos dos povos indígenas e um dos responsáveis pelos estudos sobre violências contra os povos indígenas realizados pela Comissão Nacional da Verdade.

Teve participação fundamental nas discussões e conclusão do Relatório da Comissão da Verdade do estado do Pará, sendo homenageado com uma comenda na Assembléia Legislativa do Estado do Pará no início de 2023.

Em março deste ano, esteve em reunião em Brasília sobre a proteção dos direitos

indígenas no país, junto com representantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da Comissão de Paz e Justiça da Arquidiocese de São Paulo (CJP/SP) e da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab).

Em abril deste ano, Zelic participou de uma audiência pública da Comissão da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais na Câmara dos Deputados, que tratou das violações de direitos humanos dos povos indígenas na ditadura militar.

Foi um companheiro e militante generoso, distribuindo e socializando informações das mais diversas, em grandes volumes de informações, como o *Brasil Nunca Mais*, e demais subsídios da época da ditadura militar em nosso país.

DHNet

Marcelo Zelic, militante da memória, nos deixa um legado de luta pela verdade e pela justiça

Recebemos com pesar a notícia da partida precoce de Marcelo Zelic, pesquisador e aliado dos povos indígenas na luta pela memória dos muitos genocídios cometidos no Brasil. Marcelo era um ser de luz, sempre ajudando com generosidade, sempre pensando na justiça, nas causas maiores. É uma perda para o Brasil, sobretudo no momento em que o país tenta lidar com as tragédias provocadas por um governo genocida.

Seu esforço incansável de localizar e colocar no ar centenas de milhares de documentos sobre as histórias dos povos indígenas continua essencial. Materializado no Armazém Memória, o trabalho de Marcelo Zelic segue como exemplo no resgate fundamental para evitar a repetição de violências e garantir a reparação de danos. Como pesquisador, teve papel crucial para que fossem levados à Justiça muitos casos de violência contra os povos indígenas nos últimos anos.

A luta de Marcelo Zelic para a instalação da Comissão Nacional Indígena da Verdade é agora de todos nós. O Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato lamenta sua partida precoce e agradece pelo seu exemplo. Nos solidarizamos com a família e com os muitos amigos que deixou e garantimos o compromisso de estar ao lado de todos que lutam para que se faça justiça, reparação, memória e verdade aos povos indígenas do Brasil.

Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato

Morreu um grande: Marcelo Zelic.

Extremamente significativo o último post dele nas redes ter sido sobre a proposta, pela ministra dos Povos Indígenas, de criação de uma Comissão Indígena da Verdade.

Pois ele teria sido uma das principais pessoas a estar à frente de um projeto como esse, corajosa e intelectualmente à frente de um projeto como esse, crucial nesta nação tão distraída.

O projeto Armazém Memória, que ele coordenava, precisa ser celebrado como uma das principais referências na construção de uma memória sobre direitos humanos no Brasil.

O país perde e não perde pouco. E o país perde em meio a uma curiosa pandemia da superficialidade e da falta de memória, males dos quais Zelic não padecia.

Todos os que trabalhamos com informação e com direitos humanos devemos muito a ele. E precisamos nos comprometer a dar prosseguimento a esse legado.



Cada vítima da ditadura e de tantas outras opressões neste país violento merece ser lembrada, reverenciada. E esse é um trabalho inconcluso, que mal começou. (E isto explica muito a multiplicação de gorilas e cafajestes e assassinos neste país).

O trabalho tenaz de pessoas como Marcelo Zelic significa a construção de delicadezas em meio aos escombros, o resgate da dignidade de cada uma dessas vítimas em meio ao mergulho no subsolo, nas cloacas políticas e econômicas.

Xapuri Socioambiental

Marcelo Zelic foi vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais - SP, onde atuou em torno do passado, ajudando a documentar crimes da ditadura civil-militar brasileira, mas sempre atento e generoso com o presente, acolhendo movimentos sociais que ainda se formavam, em um encontro entre memória e luta — o tipo de atuação que nos inspira na Casa do Povo. Outro trabalho de vida inteira de Marcelo é o Armazém Memória, que reúne documentação sobre diversas causas sociais, em especial sobre as lutas de povos indígenas. Nos últimos anos, Marcelo vinha lutando pela criação de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade.

Em uma entrevista para a edição da retomada do jornal Nossa Voz, 50 anos depois do golpe, em 2014, Marcelo nos conta um pouco sobre o seu trabalho com o Tortura Nunca Mais. Ele também foi parte de Orestes, filme de Rodrigo Siqueira, em que fez a mediação das sessões de psicodrama entre pessoas que foram vítimas da violência do Estado.

Marcelo Zelic presente!
Gedenk! Lembramos!

Casa do Povo

O último dia 8 de maio de 2023 marcou a partida de **Marcelo Zelic**, um dos grandes

nomes da história brasileira na luta pela efetivação dos povos indígenas do país, bem como pela concreta efetivação de memória, verdade e justiça em relação às violências, à exploração e ao extermínio aos quais foram tais povos submetidos no período da ditadura militar brasileira.

A história de Marcelo Zelic se confunde com a própria história das lutas acima mencionadas. Membro da Comissão Justiça e Paz e coordenador do indispensável Armazém Memória, grande repositório documental da história do Brasil e, especialmente, sobre as opressões e violações impostas às culturas originárias do país, muito utilizado por pesquisadores, profissionais e instituições que atuam perante os tribunais na defesa dos citados povos, com sua equipe digitalizou 18 bibliotecas e 2.200.000 documentos apenas sobre os povos indígenas.

Além das realizações acima, Marcelo Zelic muito contribuiu com a memória coletiva do país ao “redescobrir”, em abril de

2013, no Museu do Índio (RJ), o Relatório Figueiredo, documento com mais de 7 mil páginas sobre o massacre dos povos indígenas do Brasil até a década de 60, preservado e contendo 29 dos 30 tomos originais. Fato importante, uma vez que se julgava perdido após incêndio ter atingido, anos antes, o Ministério da Agricultura, onde se encontrava.

Marcelo Zelic também localizou a conhecida filmagem de formatura da Guarda Rural Indígena (GRIIn) em 5 de fevereiro de 1970, criada pelo regime militar para controle dos povos indígenas, resultado do trabalho do documentarista Jesco von Puttkamer e que revelava, em público, o uso do “*pau-de-arara*” como método sistematizado de tortura, pela ditadura militar.

Autor de livros e inúmeras outras realizações, Marcelo Zelic vinha se dedicando, atualmente, à criação da Comissão Nacional Indígena da Verdade (CNIV), uma das recomendações constantes do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV).

A dimensão humana e democrática de Marcelo Zelic supera sua própria existência, no tempo e no espaço, passando a

compor a galeria das grandes personalidades das lutas sociais, dos trabalhadores e pelos povos indígenas de nossa terra.

Por sua contribuição ímpar pela efetivação dos direitos fundamentais dos povos indígenas do Brasil, portanto, pela própria democracia, nesta data a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, por meio de sua Comissão de Direitos Humanos e seus núcleos da Memória e dos Direitos dos Povos Indígenas e Quilombolas rende suas homenagens a este grande brasileiro, em vista de sua história e seu legado para as futuras gerações.

Patricia Vanzolini (Presidente),
Leonardo Sica (Vice-Presidente),
Priscilia Beltrame (Vice-Presidente da
Comissão de Direitos Humanos)
e Flávio de Leão Bastos Pereira
(Coordenador dos Núcleos da Memória e de
Direitos Indígenas e Quilombolas)

OAB - SP

A luta por memória dos crimes da ditadura e Justiça de Transição perde um de seus principais defensores: Marcelo Zelic

Ligado à preservação da memória dos crimes da ditadura entre os movimentos sociais, e especialmente os povos indígenas, Marcelo Zelic desenvolveu com a InfoAmazonia os projetos Memória Interétnica e a plataforma Cartografia dos Ataques Contra Indígenas (CACI). “A Justiça de Transição não é um processo milagroso, ela é um processo que se estabelece fortalecendo o direito e fazendo o estado democrático compreender os limites entre o respeito ao direito de desenvolvimento e o respeito ao direito indígena”. Na última década, Marcelo Zelic fez da luta pela reparação histórica aos povos indígenas sua bandeira de vida. Em uma das suas últimas atividades como militante da causa, entre 24 e 28 de abril, Zelic parti-

cipou das atividades do Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília, onde falou aos indígenas sobre a importância da Comissão Nacional Indígena da Verdade para apurar os crimes da ditadura contra os povos tradicionais. “Precisamos que o Estado passe a respeitar a Constituição no que ela diz sobre os povos indígenas”, afirmou Zelic à nossa reportagem, na tarde de 24 de abril, em entrevista gravada logo após ele apresentar o assunto na Comissão da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais, da Câmara dos Deputados. Atualmente, em parceria com a InfoAmazonia, Zelic coordenava o projeto de reportagens especiais Memória Interétnica que retrata a permanência de práticas, conceitos e crimes cometidos

pela ditadura militar contra os povos indígenas que ainda se repetem no presente.

Sua incansável dedicação na luta pelos direitos dos povos indígenas e na preservação da memória histórica do Brasil sempre foi inspiradora e admirável. Neste último ano, tivemos a honra e o prazer de compartilhar de maneira intensa sua vivacidade e e esperança no futuro. Acreditamos que seu legado deve seguir motivando as gerações futuras na busca por um mundo mais justo e igualitário.

InfoAmazonia

Pela memória e luta de Marcelo Zelic

O Instituto Socioambiental manifesta profundo pesar pela morte do pesquisador e ativista Marcelo Zelic, que se dedicou à pesquisa e divulgação das violações históricas aos direitos humanos perpetradas pelo Estado brasileiro, especialmente às relacionadas aos direitos dos povos indígenas.

Deixando um legado pelo direito à memória, verdade, justiça e reparação, Zelic faleceu nesta segunda-feira (8), aos 58 anos, vítima de um AVC.

O pesquisador foi responsável pela descoberta do Relatório Figueiredo, documento produzido em 1967 que revela violências e crimes contra os povos indígenas no período da ditadura militar.

Zelic lutou para que essas violências fossem incluídas no relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), em que atuou obstinadamente. Defendia, desde o encerramento dos trabalhos da

Comissão, em 2014, a abertura de uma CNV Indígena.

Na mesma época, ele recuperou imagens que revelam como a ditadura treinou a Guarda Rural Indígena com técnicas de tortura, como o pau de arara, e enraizou a violência policial em terras indígenas.

A descoberta desencadeou investigações jornalísticas sobre os presídios indígenas criados pela ditadura, verdadeiros “*campos de concentração*” étnicos em Minas Gerais: o Reformatório Krenak e a Fazenda Guarani.

Em seu incansável trabalho, Zelic fundou e coordenou o projeto Armazém Memória, acervo online de documentação das violações aos direitos humanos no Brasil — dados coletados, sistematizados e disponibilizados desde 2001 pelo pesquisador e sua equipe.



Marcelo Zelic em 2014 durante conversa sobre a violação dos direitos indígenas no regime militar, na sede do ISA, São Paulo. Foto: Claudio Tavares/ISA.

O acervo disponibiliza, apenas sobre a questão indígena, mais de 2,2 milhões de páginas, organizadas em 18 bibliotecas. Este trabalho é fonte para a instrução de ações civis públicas que buscam investigar e reparar crimes cometidos contra comunidades indígenas.

Zelic também foi vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais e membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo.

O ISA lamenta imensamente esta perda inestimável. Que possamos honrar a luta de Marcelo Zelic no trabalho de documentação, mantendo nossa memória viva para que as atrocidades e traumas históricos não se repitam no presente.

Instituto Socioambiental (ISA)



Com muito pesar, vimos nos solidarizar com familiares e amigos de Marcelo Zelic em razão de seu falecimento. Marcelo Zelic teve longa trajetória na defesa dos Direitos Humanos. Foi vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais e responsável pela localização de um importantíssimo documento, que revelou graves violações de direitos indígenas por parte do Serviço de Proteção ao Índio (SPI): o Relatório Figueiredo. Com isso, contribuiu para a inclusão do estudo das graves violações de direitos humanos contra os povos indígenas na Comissão Nacional da Verdade, com intensa participação em seus trabalhos. Criou o projeto Armazém Memória e, como coordenador, militou

ativamente pelo amplo acesso ao acervo documental que o compõem, com vistas a subsidiar ações que permitissem o reconhecimento de graves violações de direitos indígenas e as devidas medidas de reparação. Marcelo Zelic deixa um importante legado para as lutas por Memória, Verdade, Justiça e Reparação, que não será esquecido.

Compartilhamos acima a foto de um encontro muito feliz com Marcelo Zelic, em 26/10/2022, na sede do Cedefes, em BH, onde conversamos sobre a importância da memória e da documentação na efetivação dos direitos indígenas. Na ocasião, planejamos toda a logística para a digita-

lização do acervo indígena do Cedefes e a sua inserção no Armazém Memória para que, somados a outros documentos, possa ser testemunha das atrocidades da ditadura aos povos indígenas.

**Centro de Documentação
Eloy Ferreira da Silva (Cedefes)**

O legado de Marcelo Zelic



Marcelo Zelic, grande amigo e parceiro do Relacionais há mais de 20 anos, nos deixou em 08 de maio de 2023, tinha 59 anos. Marcelo era um importante grande pesquisador que lutava junto aos povos indígenas pela demarcação de terras e pela justiça de transição. Criou o Armazém Memória, uma das mais importantes plataformas de acervos, um resgate coletivo da história com mais de 8 milhões de documentos de distintos acervos no país que podem ser acessados gratuitamente, uma rede de conteúdo de inúmeros parceiros. Uma referência na construção de uma memória sobre direitos humanos no Brasil.

Marcelo era perseverante, teimoso, crítico, trabalhava incessantemente pelas bases através das histórias e seus documentos, procurava em todo lugar até achar! Passava pra tomar um cafezinho em todos os lugares do país e sempre saía com uma pastinha... Sempre atrás de documentos em defesa dos direitos humanos. Fez inúmeras parcerias, só ver pela quantidade de homenagens de foram dedicadas à ele. Marcelo Zelic fazia uma colcha de retalhos como ninguém.

Ele não gostava de ficar divulgando o que estava fazendo e nem tinha tempo pra isso, ele queria trabalhar, trabalhar e trabalhar até conseguir o que queria. E conseguia!

Todos nós precisamos nos comprometer a dar continuidade nesse legado que ele nos deixou. E nós vamos com certeza! Marcelo, cadê você, amigo?! Já estamos com saudades...

Seguiremos com o cumprimento do seu legado, Marcelo Zelic!



Instituto de Políticas Relacionais



Jornalismo TV Cultura ✓

@jornaL_cultura



Defensor dos povos indígenas, pesquisador Marcelo Zelic morre aos 59 anos.

Ele lutava pela criação de uma comissão para reconhecer e reparar as violações contra os povos originários.

[#JTCultura](#) [#JornalDaTarde](#)

[Translate Tweet](#)



Marcelo Zelic morre aos 59 anos



Morre pesquisador Marcelo Zelic, defensor dos povos indígenas

Dedicou-se a denunciar violações e crimes contra indígenas na ditadura

Publicado: 09 Maio, 2023 - 09h40

Escrito por: Rafael Cardoso/Agência Brasil | Editado por: Carolina Pimentel/Agência Brasil

IMAGEM: LAURICIO GALTEX DE SOUZA/AGÊNCIA BRASIL

MENU

CartaCapital

ASSINE

SOCIEDADE

Morre pesquisador Marcelo Zelic, defensor dos povos indígenas

Zelic se dedicou a denunciar violações e crimes contra indígenas na ditadura

POR AGÊNCIA BRASIL | 09.05.2023 06H51

JORNALISTAS LIVRES

Buscar no Jornalistas Livres

Morre o pesquisador Marcelo Zelic, defensor dos povos indígenas

Zelic faleceu hoje após sofrer um AVC na última sexta feira. Ele deixa milhões de páginas de documentos sobre o genocídio indígena.

maio 8, 2023 Artigo

Nota do Poser

Marcelo Zelic, presente!

MST se solidariza com familiares, amigos e companheiros de luta do pesquisador e incansável lutador dos direitos humanos, que faleceu nesta segunda (8)

Notas Notícias

9 de maio de 2023



Marcelo Zelic. Foto: Agência Câmara de Notícias

Da Página do MST

Brasil de Fato 20 anos
UMA VIGIÂNCIA POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

Opinião Política Direitos Humanos Cultura Geral Saúde Internacional Especiais Rádio

INÍCIO > GERAL

PERDA

Memória | Morre o pesquisador Marcelo Zelic, defensor dos povos indígenas

Ele lutou para incluir violações contra povos originários na Comissão da Verdade

Israelael Maciel
São Paulo (SP) | 08 de Maio de 2023 às 17:52



Zelic foi um dos responsáveis pela inclusão do estudo de graves violações de direitos humanos contra indígenas na Comissão Nacional da Verdade - Renato Araújo/Câmara dos Deputados Fonte: Agência Câmara de Notícias

Morre Marcelo Zelic, pesquisador que achou relatório da ditadura contra indígenas



Marcelo Zelic, pesquisador de estudos sobre violências contra os povos indígenas na ditadura, morreu aos 59 anos
Imagem: Renato Araujo/Câmara dos Deputados



Morre pesquisador Marcelo Zelic, defensor dos povos indígenas
Dedicou-se a denunciar violações e crimes contra indígenas na ditadura

FOLHA DE S.PAULO

OBITUÁRIO - MARCELO RICHARD ZELIC (1963 - 2023)

Mortes: Sonhador e realizador que defendeu os direitos dos indígenas

Marcelo Zelic reuniu documentos sobre a violência contra os povos originários e as violações praticadas na ditadura



Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Marcelo Zelic ensaiou uma formação em jornalismo na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, mas desistiu da faculdade. "Largou o curso para fazer trabalho de base. Tinha efervescência de superar a ditadura", afirma a professora Paula Capriglione, 61, sua companheira.

Researcher Marcelo Zelic, defender of indigenous peoples, dies at 59

He denounced crimes against indigenous peoples during the dictatorship



Published on 09/05/2023 - 11:22 By Rafael Cardoso - Rio de Janeiro

Muere el investigador Marcelo Zelic, defensor de los pueblos indígenas

Se dedicó a denunciar violaciones contra los pueblos indígenas



Publicado em 09/05/2023 - 11:22 Por Rafael Cardoso - Reportagem de Agência Brasil - Rio de Janeiro

Marcelo Zelic, defensor histórico dos povos



Presidente da Funai defende criação da Comissão da Verdade indígena

Joenia Wapixana afirmou que esses povos devem ser reparados financeiramente pela perseguição da ditadura militar

Evandro Éboli

10/05/2023 02:00, atualizado 10/05/2023 09:14

Compartilhar notícia



© Josedson Alves/Agência Brasil



(...) Na mesma reunião, há duas semanas, o pesquisador Marcelo Zelic, que dedicou parte de sua vida a estudar a perseguição aos indígenas, também defendeu a criação dessa comissão. Zelic faleceu uma semana depois, vítima de um AVC.

No dia, ele afirmou que batalhou para que a perseguição aos indígenas fosse inserida na Comissão Nacional da Verdade, que funcionou de 2012 a 2014.

“Os resultados da comissão apresentaram 13 recomendações indígenas. Recomendações pedagógicas e reparadoras. Uma das mais importantes era o reconhecimento da violência e a não demarcação de terras indígenas. Nenhuma recomendação foi levada adiante pelo Estado. Há cheio de prova documental da ação do Estado em detrimento aos indígenas” – disse Zelic, e falou da necessidade de uma comissão específica para esses povos.

“É importante a criação de uma comissão indígena de verdade. A outra foi superficial. Que se instale outra e que possa ser aberta para os povos e, dentro dos povos, cada um escolher os casos para trabalhar. E depois, que se instaurem ações civis públicas para reparar a verdade” – disse Zelic, na sua última manifestação pública sobre o assunto. (...)



MARCELO ZELIC PRESENTE!



Acesse a página de homenagem ao Marcelo disponível no Armazém Memória. Lá, disponibilizamos a versão digital deste caderno, além de fotos, vídeos, seus últimos artigos e demais homenagens. A página está em permanente construção, assim como é a memória.

Marcelo vive em nós!

armazemmemoria.com.br

betabloqueadores todas as manhãs

meu pai tem um coração gigante
isso não é uma metáfora
o ventrículo esquerdo do coração de meu pai
é maior do que deveria
gerando um bombeamento irregular
de sangue
uma dis
ritmia

experimente ler o poema
em outra velocidade
acelere umas palavras
corte ou
tras mude a gravidade da lei
tura do poema
não há regras
assim funciona o coração de meu pai
não há regras
inclusive quando não pensamos
no c o r a ç ã o de meu pai
inclusive quando meu pai não pensa
que guarda um coração
dentro da caixa torácica
em constante funcionamento
na maior parte do tempo
eu não penso
e ele bate
bate
batebate

meu pai tem um cora
ção gigante diagnosticado
desde os quinze anos.
tento formar na cabeça
a imagem do meu pai
jovem das fotografias
antes de ser meu pai
com shorts curtos a caminho
do médico depois da escola
olhando placas de raio-x
através da luz do sol

se pensarmos bem
a sorte tem andado
ao seu lado
seu coração deu trégua
a tempo de meu pai
poder ser meu pai
minha chance de vida

hoje está mais ve
lho e nada ranzinza
nesta manhã deitou em
minha cama dormiu ao
meu lado
todo dia tudo
anda bem
da porta para dentro
meu pai tem um

baita coração
toma os remé
dios em dia
sempre traz pão
para casa
e sinto que sempre trará

é dura a si
na do coração de meu pai
tentar manter o com
passo tentar manter
tentar manter manter
manter
o compasso
até que escape
das mãos
não é possível
que a vida seja assim

levantar
bater martelos
amar muito
dormir
e de novo
e depois
depoisdepois

Helena Zelic

**Pelos caminhos que andei,
já estive no fim da picada
e sei que deste mundo insano
não se leva nada.**

**Deixem viver os Yanomami,
deixem viver os diferentes povos,
a terra é para se existir nela,
com tudo que flui, mexe e cresce.**

**Pelos caminhos que andei,
o fim da picada não existe,
mesmo que um dia cheguei
em lugar que afirmasse isso.
Sempre há algo além
daquilo que nossos olhos veem,
ou que nos querem fazer enxergar.**

**No fim da picada,
existe vida,
existe mata ou viela.
Deixem viver os Yanomami,
deixem viver os diferentes povos,
mineração mata!**

**Por Marcelo Zelic
Março de 2022**



Fotografias do ato "Marcelo Zelic presente!", convocado pela Comissão Justiça e Paz de São Paulo e pela Frente Inter-religiosa Dom Paulo Evaristo Arns. O ato aconteceu no dia 10 de junho de 2023, no Parque da Juventude. Ali, no Bosque dos Direitos Humanos, foi plantada uma pitangueira em homenagem a Marcelo.